



Mundicarmo Ferretti

MARANHÃO

Encantado

ENCANTARIA MARANHENSE E OUTRAS HISTÓRIAS

UEMA Editora

2100 95

MARANHÃO ENCANTADO
Encantaria maranhense e outras
histórias

Mundicarmo Ferretti

UEMA

Maranhão Encantado: encantaria maranhense e outras histórias

Mundicarmo Ferretti

“Maranhão Encantado” é uma coletânea de narrativas maranhenses sobre entidades espirituais recebidas em transe mediúnico em: terreiros de Mina, Terecô, Umbanda, salões de curadores e pajés. Metade das histórias foram recolhidas e gravadas em 1987/1988 por Venina Barbosa, então yaô da Casa Fanti-Ashnati. Leocândida Rocha, então aluna de Comunicação e bolsita de Iniciação Científica, coletou uma das outras e as demais nos foram contadas entre 1985 e 1999. Os textos foram editados respeitando, ao máximo, sua forma original e foram ilustrados por Ciro Falcão, artista plástico muito conhecido no Maranhão.

Embora as histórias reproduzidas no livro tenham sido narradas por pessoas negras ou ligadas à religião afro-brasileira, nelas podem se perceber claramente a influência do catolicismo, da cultura indígena e da cultura do colonizador português. Essas histórias, apesar de muitas serem fantásticas, não podem ser classificadas na mesma categoria de “contos de fadas” e de “histórias de Trancoso”, e nem devem ser encaradas como ficção, pois tratam de seres em cuja existência o povo crê e de experiências vividas por diversas pessoas conhecidas por sua comunicação com eles.

MARANHÃO ENCANTADO
Encantaria maranhense e outras
histórias

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

Prof. César Henrique Santos Pires

Reitor

Maria Eline Barbosa Oliveira

Vice-Reitora

Ana Silvia Tavares Silva

Pró-Reitora de Administração

Celso Beckman Lago

Pró-Reitor de Planejamento

Waldir Maranhão Cardoso

Pró-Reitor de Graduação e Assuntos Estudantis

José Augusto Silva Oliveira

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão

Dulce Maria Junqueira Ayres

Coordenadora de Pesquisa

Zafira da Silva de Almeida

Chefe da Divisão de Acompanhamento

de Projetos de Pesquisa Especiais

Maria de Fátima Ribeiro dos Santos

Chefe da Divisão de Editoração

Luís Celso Cutrim Batista

Diretor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas

José Antônio Ribeiro de Carvalho

Chefe do Departamento de Ciências Sociais

Mundicarmo Maria Rocha Ferretti

Coordenadora da pesquisa Religião e Sociedade

DCS/UEMA

MARANHÃO ENCANTADO

**Encantaria maranhense e outras
histórias**

Mundicarmo Ferretti

São Luís

UEMA

2000

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E
EXTENSÃO**

Conselho Editorial

José Augusto Silva Oliveira, Alana Lisléia de Sousa, Altamiro
Sousa de Lima Ferraz Junior, Cláudio Urbano Bittencourt Pinheiro,
Dulce Maria Junqueira Ayres, Festus Kehinde Akinnifesi, Francisca
Helena Muniz, Hélio Blume, Maria Regina Nina Rodrigues, Mundicarmo
Maria Rocha Ferretti, Protásio César dos Santos, Raimunda Nonata
Santos Lemos

Normalização

Maria de Fátima Ribeiro dos Santos

Revisão

Izaurina Maria de Azevedo Nunes

Editoração Eletrônica

(?)

Ilustrações:

Ciro Falcão: técnica mista

Capa:

(?)

Menina do Maracujá – Desenho de Ciro Falcão-1995

ISBN.....(?)

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

.....
Ferretti, Mundicarmo Maria Rocha

Maranhão Encantado: encantaria maranhense e outras histórias.

São Luís: UEMA, 2000

144(?) p. 16 il.; 22 cm.

1. Religião afro-brasileira - Maranhão. 2. Mitologia - Maranhão.
3. Cultura Popular - São Luís-MA I. Ferretti, Mundicarmo Maria
Rocha. II. Título.

CDD 390.098121

CDU: 39(812.1)

.....

Apoio:

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

Núcleo de Pesquisa - Religião e Cultura Popular - UFMA/DESOC

Para Mãe Emília

*que tanto encantou
com sua doçura
e sabedoria
e continua conosco
falando sobre encantados.*

PREFÁCIO

Encantaria, ou encante é coisa de encantado, escreve Mundicarmo Ferretti, nos revelando o Maranhão Encantado, neste belo e bem escrito livro de narrativas e transcrições das histórias orais maranhenses.

Encantados são entidades espirituais, seres humanos ou animais, que no término de sua existência mortal tornaram-se imortais. Espíritos que vivem nas matas, nos rios e mares, baixam em terreiros e nos salões de curadores; convivem com mortais. Os encantados dialogam com os homens, não são sobrenaturais nem extraordinários, mas naturais, fazendo parte constitutiva da vida social, indicam os tabus de valores e práticas: castigam as transgressões sociais, a caça ou pesca predatória. Embora sendo entidades pagãs, compõem os sistemas de crenças do catolicismo popular; o poder dos sacramentos como o batismo apazigua estes espíritos.

O imaginário rompe com as fronteiras do tempo e espaço e, em sua lógica própria, as divindades são construídas a partir das experiências sociais. Não há distinção entre a essência da divindade, como ser

existente e participante do cotidiano social, e a noção de estar no mundo dos mortais.

Os caboclos turcos no Tambor de Mina que foram amplamente estudados por Mundicarmo Ferretti, eram casados com índias ou caboclas e participaram da guerra do Paraguai.

O sebastianismo profético de Portugal, renasce nas praias maranhenses de Lençóis, através da figura histórica e mítica do rei “encoberto”, D. Sebastião. A promessa messiânica que contém este encantado, tanto em Portugal como no Brasil, é a de preservar o mundo dos mortais encoberto sob o encanto das tradições. Relata a autora: “Se quebrar o encanto de D. Sebastião, se desencantar Lençóis, vai abaixo o Maranhão”.

O mundo social e da natureza não pode quebrar o encanto, deve resistir a destruição da nova modernidade.

A autora conduz o leitor para o reino dos encantados que resiste, urgente, presente, teimando em existir e conter o processo avassalador do absurdo tempo do consumismo divinizador de objetos descartáveis.

Mundicarmo traz à tona, faz emergir do fundo das águas doces, as imagens e crenças que a ideologia do mercado globalizante pretende romper.

Lendo as narrativas deste livro, relendo-as para as novas gerações, as histórias irão dar continuidade ao encanto do imaginário coletivo.

Dra. Liana Trindade
Professora Adjunto Antropologia – USP

APRESENTAÇÃO

Este livro é diferente de outros que escrevi sobre o Tambor de Mina e outras denominações religiosas afro-brasileiras encontradas em terreiros maranhenses. Além de produzido com a colaboração de muitas pessoas, identificadas no texto e apresentadas ao final, não foi direcionado especificamente para a área acadêmica.

O livro trata de seres e de lugares míticos da cultura maranhense. Retrata um Maranhão que tem identidade cultural e fala de um povo que solta sua criatividade, que expressa seus sonhos, suas fantasias, suas crenças mais antigas e que quer crescer e ser mais respeitado sem sacrificar suas riquezas ecológicas e culturais.

A obra é uma coletânea de narrativas sobre encantados recebidos em transe mediúnico em terreiros de Mina, de Terecô e salões de curadores (pajés) e, muitos deles também, em terreiros de Umbanda de São Luís. Os textos foram editados respeitando, ao máximo, sua forma original. Como ocorre geralmente na cultura tradicional, não se pode precisar com segurança a origem e a época em que foram produzidas as histórias aqui

reunidas. A maioria delas faz parte da herança cultural legada por antepassados. E, apesar de antigas e de repassadas, geralmente, por via oral, continuam sendo ouvidas e apreciadas pelo povo maranhense, o que mostra que se adequam aos seus valores e à sua visão de mundo. As “outras histórias”, os “casos” contados por Venina, têm um contexto social e temporal mais preciso. Foram vividas no interior do Estado ou na capital e muitos dos seus personagens são ainda conhecidos. Por essa razão, para proteger a sua privacidade, omitimos nelas alguns nomes e alguns detalhes.

O “povo-do-santo” do Maranhão não fala muito com estranhos sobre encantados. Mas, quando está reunido ou diante de pessoas que também entram em comunicação com eles, costuma contar muitas histórias. Os pais-de-santo, quando entrevistados por pesquisadores, às vezes narram, também, episódios fantásticos que ocorreram consigo ou com pessoas de seu relacionamento, para ilustrar ou reforçar o seu pensamento.

A idéia inicial do livro surgiu do meu contato com Venina Barbosa, a Nina d’Ogum, como prefere ser chamada, filha da Casa Fanti-Ashanti e hoje yalorixá do

Candomblé. Venina tem uma longa história com encantados e se interessa muito pela experiência mística de outras pessoas que também foram escolhidas por eles e atuam como seus intermediários na comunicação com os homens.

Metade das histórias reunidas no livro foram recolhidas e gravadas em 1987/1988 por Venina. As outras histórias foram ouvidas por mim e uma foi recolhida por Leocândida Rocha, na época aluna de Comunicação Social da *Universidade Federal do Maranhão* – UFMA e minha orientanda no Programa de Iniciação Científica da extinta *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão* – FAPEMA.

As ilustrações do livro são de Ciro Falcão, artista plástico muito conhecido no Maranhão, que, em 1994, ilustrou meu livro *Terra de Caboclo* e que tem grande afinidade com o tema. Alguns dos trabalhos de Ciro foram inspirados em relatos de um pescador que, segundo ele, muitas vezes também o ajudou a identificar o encantado que “aparece” em seus desenhos e em suas telas.

Espero que esse livro contribua para a valorização da cultura popular do Maranhão e que estimule outras produções literárias sobre a encantaria maranhense.

A autora

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1 Maria Bárbara – Ciro-2000.....	15
2 Chegou Dona Rosalina – Ciro-1994.....	21
3 Princesa Encantada – Ciro-1994.....	27
4 Mata de Codó: Pedro Angassu e Rainha Rosa – Ciro-1993.....	33
5 Encantaria do Mar – Ciro-2000.....	39
6 Mãe d'Água Loura – Ciro-1994.....	53
7 Realeza e Divindade em Alcântara – Ciro-1995, .	57
8 Cabocla – Ciro-2000.....	63
9 Caboclo da Mata – Ciro-1994.....	67
10 Bancada de Princesas – Ciro-1995.....	71
11 Encantaria do Rei Sebastião – Ciro-2000.....	75
12 Povo d'Água – Ciro-1994.....	83
13 Dom Luís, Rei de França – Ciro-1995.....	93
14 Cabocla de Pena – Ciro-1995.....	99
15 Corre-Beira já Chegou – Ciro-2000.....	105
16 Tambor de Turco – Ciro-1995.....	111

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	9
APRESENTAÇÃO.....	11
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	13
1 HISTÓRIAS DE	
ENCANTADOS.....	17
1.1 Maria Bárbara raiou!.....	23
1.2 Rosalina, Cobra Grande da Lagoa.....	29
1.3 A Princesa Encantada do Rio Pimenta.....	35
1.4 Os donos do mundo.....	41
1.5 Antônio Luís, o Corre Beirada.....	47
2 HISTÓRIAS DE MÃE D'ÁGUA.....	49
2.1 A Mãe d'Água que Manduca pegou.....	55
2.2 A força do batismo.....	59
2.3 A Mãe d'Água levou.....	65
2.4 Filho de Mãe d'Água.....	69

3 ENCANTARIA MARANHENSE.....	71
3.1 Itabaiana, ilha encantada.....	73
3.2 Encantaria de Rei Sebastião.....	77
3.3 Os poderes de Tobias.....	85
4 OUTRAS HISTÓRIAS.....	89
4.1 O preço de um privilégio.....	95
4.2 Castigo de encantado.....	101
4.3 Segredos do Terecô.....	107
4.4 Cuidando das obrigações.....	113
CONCLUSÃO.....	117
Quem conta um conto aumenta um ponto	
FONTES	
ORAIS.....	119
Os contadores das histórias	
BIBLIOGRAFIA.....	123

1 HISTÓRIAS DE ENCANTADOS

No Maranhão o termo encantado é encontrado nos terreiros de Mina, tanto nos fundados por africanos, quanto nos mais novos e sincréticos, e nos salões de curadores e pajés. Refere-se a uma categoria de seres espirituais recebidos em transe mediúnico, que não podem ser observados diretamente ou que se acredita poderem ser vistos, ouvidos ou sentidos em sonho, ou por pessoas dotadas de vidência, mediunidade ou de percepção extrasensorial, como alguns preferem denominar.

Os encantados, apesar de totalmente invisíveis para a maioria das pessoas, tornam-se “visíveis” quando os médiuns em quem incorporam manifestam alterações de consciência e assumem outra identidade. Apresentam-se à comunidade religiosa como alguém que teve vida terrena há muitos anos e que desapareceu misteriosamente ou tornou-se invisível, que encantou-se. Embora que geralmente se afirme que tiveram matéria, os encantados não são conhecidos como espíritos de mortos. Pertencem a uma outra categoria de seres espirituais.

Os encantados são freqüentemente comparados aos “anjos de guarda”. São protetores dos homens, dotados de

poderes especiais, que estão abaixo de Deus e dos santos, mas, ao contrário dos anjos de guarda, podem castigar severamente seus protegidos, como foi narrado nos casos contados por Venina.

Afirma-se, em São Luís, que os encantados nunca levam propriamente as pessoas ao mal, embora possam levá-las a comportamentos desaprovados socialmente, pois muitos são alcoólatras, violentos, irreverentes e, quando incorporados, podem beber muito, brigar ou tomar atitudes inconvenientes, o que geralmente ocorre depois dos rituais.

Acredita-se que alguns encantados foram transformados, por ação mágica, em outro ser, geralmente num animal (como ocorreu na história da princesa Rosalina). Essa transformação pode ter sido involuntária e ser por eles considerada como uma espécie de prisão, como aparece na história da princesa do Rio Pimenta. Mas pode ser também uma estratégia utilizada por eles, enquanto seres dotados de poderes especiais, para fugir a perigos, vencer obstáculos, ajudar pessoas e proteger lugares (como aparece na versão de Venina da história de Rosalina).

Como na Mina os encantados africanos são chamados “voduns”, em alguns terreiros da capital maranhense, as entidades espirituais não africanas ou caboclas mais antigas também são denominadas “voduns” ou “vodunsos”, como ocorre no Terreiro Fé em Deus, de Mãe Elzita, com Caboclo Velho, também conhecido como Sapequara. Mas, geralmente, as entidades da mitologia indígena ou da mitologia cabocla do Norte do Brasil, como a Mãe d’Água, não são denominadas “voduns”. Afirma-se que, no passado, essas entidades eram recebidas apenas por pajés e nos salões de curadores. Teriam entrado na Mina nos terreiros abertos por curadores, procurando fugir à repressão policial, pois o curandeirismo era, e ainda é, considerado crime no *Código Penal Brasileiro*.



Maria Bárbara - Ciro Falcão-2000

1.1 Maria Bárbara raiou!¹

Maria Bárbara nasceu no dia 04 de dezembro (dia de Santa Bárbara) e como o nome de sua mãe era Maria passou a se chamar Maria Bárbara. Foi criada por negros - Mãe Maria e Pai João, escravos do seu pai, que a salvaram das águas onde foi jogada ao nascer, por ordem do seu pai, que era chamado Jerônimo.

Era linda e a única branca do lugar onde vivia. Mãe Maria era louca por ela e fazia pra ela brinquedinhos (panelinhas de barro, cuíca, cabacinha) dizendo: "tu és formosa como a lua, tu és formosa como as estrelas".

Um dia, o pai de Maria Bárbara "tentou pra ela" e ela contou a Mãe Maria, que ficou muito sentida. Ele disse a ela: "ou tu vai, ou vai ver o punhal". Aí, jogou o punhal nela, mas ela o apanhou e correu. Ele então tocou a buzina chamando os pretos, que estavam a seu serviço,

¹ Baseada em história recolhida em entrevista com Isabel Pinto da Silva ou Isabel Mineira – mãe-de-terreiro de Cururupu, em 25/09/92. Uma versão preliminar dessa história foi publicada, em dezembro de 1998, no n. 12 do *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore* e, em dezembro de 1999, no n.4 do *Boletim Saravá Umbanda*.

agarrou ela, botou uma coroa de ferro em sua cabeça e jogou-a no mar.

Preto chorou em silêncio. Pai José era o feitor e Pai João saiu a procura dele para saber dela:

"Mãe Maria, cadê Pai José?"

Mãe Maria vivia olhando pro mar, até que um dia viu uma coisa flutuando. Era Maria Bárbara santificada, com cálice, hóstia e um punhal na mão. Sua roupa era estampada e brilhante. A velha pegou a cuíca e as cabacinhas que fizera pra ela, quando era menina, botou na praia e cantou:

"Santa Bárbara raiou, Maria Bárbara raiou"

Depois cantou, referindo-se à pedra que foi amarrada em sua cabeça, para que afundasse no mar:

*"Maria Bárbara lançou pedra no mar
hoje é dia de folgar, Senhor
Maria Bárbara lançou pedra no mar
hoje é dia de folgar, Senhor
ai, ai, ai, ô
hoje é dia de folgar, Senhor".*

Aí os pretos vieram para a praia cantando:

*"Um, um, um, dois, dois, dois, pela hóstia
consagrada
Maria Bárbara veio do mar.
Três, três, três, quatro, quatro, quatro,
pela hóstia consagrada Barba Virgem
veio do mar"...*

Aí tambor tocou:

*"Mãe Maria, cadê Pai José?
-Foi no mato apanhar caramundé
Oi diga a ele pra quando vier,
suba na casa e não bata com os pé".*

(pra vir “na ponta dos pés”, para não fazer barulho para ela). Cantaram depois:

*"Quero ver, quero ver,
quem arranca batata primeiro, quero ver”*

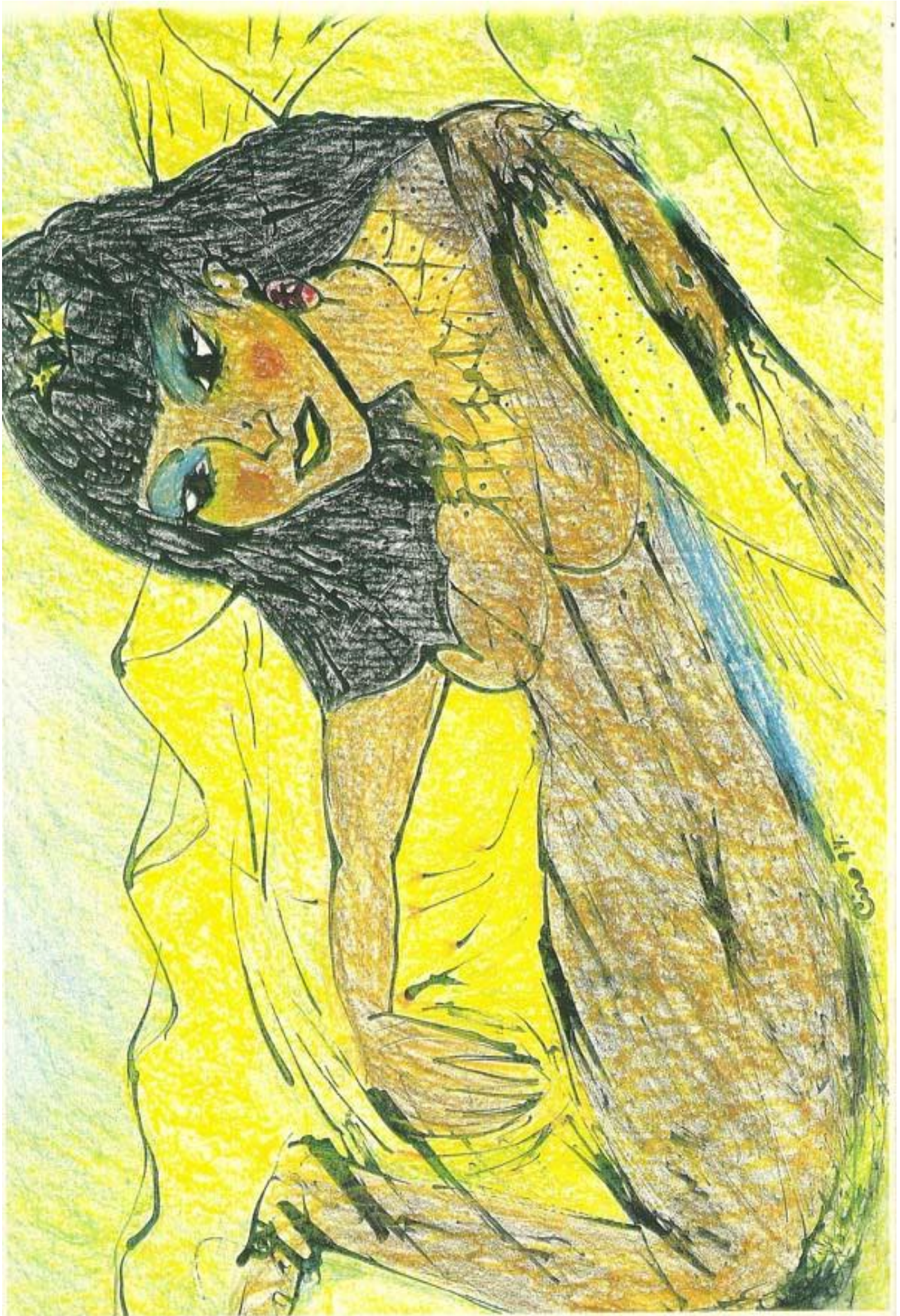
E tambor continuou:

*“Passou na luz das candeias,
o mar balanceou.
Ê anicô, ê anicô,
Ela veio da outra banda de lá
Ê anicô, ê anicô,*

*Maria Bárbara veio da outra banda de
lá"...*

.....

A Mãe Maria, que aparece na história de Maria Bárbara, é associada na Mina maranhense a Oxum e Santa Bárbara é associada pelos afro-brasileiros a Yansã. Venina Barbosa lembra que existe um mito de Yansã onde ela foi deixada numa pedra, no meio do rio, e foi encontrada por Oxum que, depois de colocá-la no colo e acalentá-la, levou-a para criar. Segundo a mesma fonte, quando esse mito é lembrado no Candomblé, Oxum dança embalando uma boneca e se canta no terreiro: “Ya ominibu domirô orixá oiêê”.



Chegou Dona Rosalina - Ciro Falcão-1994

1.2 Rosalina, Cobra Grande da Lagoa²

Dona Rosalina é uma cobra imensa de couro negro, que deve medir de 8 a 10 metros. Mas, da cintura para cima é uma moça morena, de cabelos negros, que tem uma pedra azul encravada na fronte. É uma princesa.

Mora numa lagoa, próximo a uma cabana, onde ela se encontra com sua filha Rosinha, uma menina muito parecida com ela. É quando sai da lagoa que ela se transforma, ficando, pra cima, uma princesa muito bonita e, pra baixo, uma cobra. Às vezes, fica enrolada em algum tronco na beira da lagoa, em pés de ingá (fruta de beira de campo). Depois sai, se arrastando com muita dificuldade, se metamorfoseia e entra na cabana. Alí conversa com a menina e faz tudo o que uma mãe pode fazer com uma filha. Seu processo de transformação é muito lento e penoso, e se repete todos os anos. Um dia ela explicou a Dona Yolanda por que tinha acontecido

² Baseada em história recolhida por Leocândida Rocha, quando aluna de graduação da UFMA e bolsista de Iniciação Científica da FAPEMA, em entrevista com Yolanda Primaz da Silva Motta – Yalorixá de Umbanda - São Luís, 02/11/1993.

aquilo com ela, falou o que tinha acontecido para ela ficar assim.

Rei Camundá tinha várias filhas. Rosalina era a mais velha. Um dia ela ficou grávida, se envolveu com um homem sem o consentimento do pai. Naquela época, não se sabe em que século foi, era muito complicado quando uma princesa engravidava de uma pessoa que não era da sua linhagem. Ela então escondeu a gravidez, com medo da reação do pai. Quando ele soube que ela estava grávida, ela já estava nos dias de ter a criança.

Ela teve a criança, aquela meninazinha, que ela encontra na cabana da lagoa. Mas seu pai, que era um rei com muitos poderes mágicos, depois disso transformou todas as suas princesas em feras. Suas outras filhas também, para evitar que acontecesse com elas a mesma coisa, transformou todas em cobras. Todas são de uma só família e foram transformadas em cobra pelo pai. Ele sabia que assim nenhum homem ia se aproximar delas.

Rosalina se refugiou numa lagoa. Uma vez por ano, tinha permissão para visitar a filha que morava na cabana. Da lagoa, Rosalina via a menina brincar e fazer todas as coisas. Suas irmãs se espalharam pelo mundo, uma foi para a Grécia. Uma delas era muito bonita, a

cobra Coral, também chamada Princesa da Pedra Fina.

Outra, a Cobrinha Verde, era muito pequena. Tinha também a Princesa Cora, a Jibóia Branca, e outras mais.

Uma delas, a Boiúna, é muito revoltada. Elas acharam que seu pai foi muito mau, transformando-as em cobra, pois quando chegam em um lugar não podem ser bem recebidas. Quem quer uma cobra em sua casa? Ninguém. Então a mais revoltada delas, a Cascavel, tornou-se muito violenta, muito agressiva e muito venenosa (o veneno era uma reação ao mal que havia recebido do pai).

Por causa de sua maldade, o rei Camundá “perdeu a patente” e foi transformado no Preto Velho “Camundá”, que está encantado no mar. Não se sabe quem é o pai de Rosinha, talvez seja algum índio...

.....

Venina Barbosa conhece outra versão da história de Rosalina. Nela, o pai de Rosalina, que era dotado de poderes mágicos, deu a ela parte desses poderes. Eles viviam num lugar onde havia uma lagoa encantada e onde estava escondida muita riqueza. Um dia Rosalina descobriu essa lagoa e, para proteger aquele lugar de

encantaria, usou a sua força e se transformou em uma cobra assustadora.



Princesa Encantada - Ciro Falcão-1994

1.3 A Princesa Encantada do Rio Pimenta³

Na casa de uma curadeira do bairro do Calhau chamada Morena, em passagens de linha de Cura (pajelança), começou a baixar uma princesa encantada em uma cobra. Entre os vizinhos que gostavam de ficar olhando, havia um rapaz que era estivador. Depois de encontrá-lo umas três vezes, a princesa começou a simpatizar e a conversar com ele. Um dia, perguntou a ele se queria se casar com ela. Ele ficou todo encabulado e ela disse que se ele quisesse, ensinaria a ele o modo de desencantá-la. Explicou a ele que era encantada e que morava no rio Pimenta, um rio que fica na mata, entre as praias de Olho d'Água e Calhau. Como já cumprira o tempo determinado para o encantamento, se ele conseguisse desencantá-la, ela voltaria a ser a princesa que era antes e o levaria para o seu reino.

O rapaz ficou interessado, pois ela era uma princesa muito bonita, e indagou o que deveria fazer.

³ Baseada em história recolhida por Venina Barbosa em conversa com Dona Maria de Feles, filha da Casa Fanti-Ashanti - São Luís, maio de 1987.

Antes de responder, ela perguntou se ele era corajoso, para saber se não iria desistir no meio, quando visse o que iria ver. Ele disse que era corajoso e, talvez, também por curiosidade, aceitou o desafio. Deveria cortá-la, de um golpe só, separando-a em duas partes para que ela pudesse sair do encanto.

Ficou combinado que na lua cheia ela estaria lá e que ele deveria trazer um facão muito bem amolado, pois teria que cortá-la de um golpe só para libertá-la do encanto. No dia determinado ele foi para lá. A lua estava bonita. Ele entrou no rio e foi andando, andando, andando, até quando começou a olhar no mato uma espécie de rolo, mais grosso do que um coqueiro, da beira até o rio. Era a princesa encantada. Quando ele olhou a cobra teve um medo tão grande, que saiu correndo, pisando por cima de tudo, e quase desmaiando. Ainda atemorizado, foi para casa, dormiu e sonhou. No sonho, a princesa apareceu a ele como ficaria se fosse desencantada por ele. Ele acordou e, arranjando coragem, levantou e foi, de novo, para o rio.

Na segunda tentativa, a cobra estava muito mais grossa, era um rolo ainda maior, e ele não conseguiu nem mesmo levantar o facão, que talvez também nem fosse

suficiente para a realização do trabalho. Fez ainda outra tentativa. Na terceira, levou uns colegas, para ver se algum deles tinha mais coragem, mas só olhava a cobra, os outros viam apenas quando ele ficava atemorizado, mas não viam com que. Assim, passou o tempo, e ele não conseguiu cortar a cobra ao meio, para que a princesa voltasse ao seu aspecto humano. E o encantamento não terminou, porque não teve coragem suficiente para cortar a cobra, como ele mesmo falou depois emocionado.

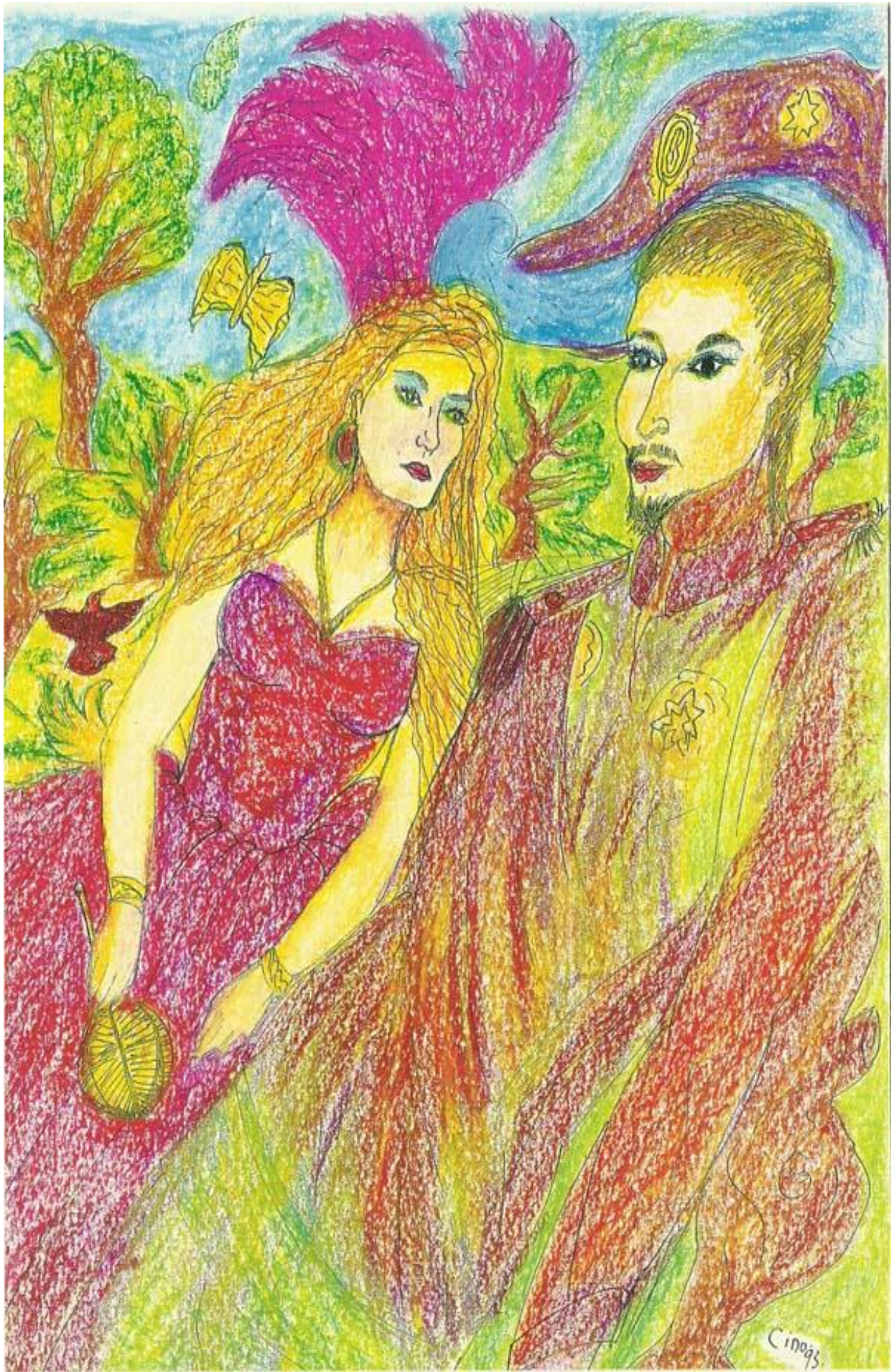
Depois de algum tempo, a princesa tornou a passar na sessão de Cura. Veio cantando uma música nova, lamentando ter ficado condenada, para sempre, a ficar encantada em cobra.

Como o rapaz não conseguiu desencantá-la, poderia até ter sido levado por ela, num momento de desmaio ou de transe, a menos que a curadeira fizesse algum remédio para poder ficar aqui, embora casado com ela “no fundo”...

.....

No imaginário maranhense, existem muitas histórias de animais encantados, que precisam ter o corpo cortado por alguém, para poder sair do encantamento. Em

geral, nessas narrativas, eles são condenados a permanecer encantados, por falta de coragem e de colaboração da pessoa por eles escolhida para quebrar o encanto.



Mata de Codó - Ciro Falcão-1993

1.4 Os dono do mundo⁴

Houve um tempo em que existiam muitos reis e todos queriam governar o mundo: Dom Manoel, Dom João, Dom Pedro Angassu, Rei da Bandeira, Dom Luís, Rei da Turquia e outros. Como o Rei da Turquia não era cristão, muitos se aliaram para combatê-lo.

Depois que Rei da Turquia dominou a Itália, veio para o Brasil, para conquistá-lo. O Rei da Bandeira, também conhecido na Mina como Rei da Boa Esperança, veio também para o Brasil a procura dos turcos, mas aqui ele ficou muito amigo do Rei da Turquia e tornou-se seu aliado na conquista do Brasil. A letra de uma das músicas do Rei da Bandeira cantadas no Tambor de Mina fala que ele é rei na Itália e que foi coroado nas ondas do mar

O Rei da Bandeira chegou primeiro no Ceará, na terra do Caboclo Velho. Depois foi com ele em direção ao Norte. Nessa época, os franceses já havia assentado suas bases no Maranhão. Ele encantou-se na Pedra do

⁴ Baseada em história recolhida em entrevistas com Jorge Itaci Oliveira, Babalorixá e fundador do Terreiro de Iemanjá - São Luís, 1989, 1991, 1993.

Itacolomi, onde naufragam muitas embarcações, de onde ele domina grande extensão de mar e o Golfão maranhense. Fixou seus domínios da praia da Ponta da Areia, na Ilha de São Luís, até a ilha do Medo, na baía de São Marcos. Caboclo Velho foi depois para o Amazonas, mas, apesar de não ter dominado o Maranhão, fala-se que foi o primeiro caboclo a “bradar” no Tambor de Mina.

Os encantados da família do Rei da Bandeira são mais caçadores e pescadores do que guerreiros e, como ele gosta muito da mata, passou a ser conhecido como “João da Mata”, tanto em São Luís, como em Codó, na “terra do Terecô”, governada por Dom Pedro Angassu e Rainha Rosa.

Fala-se também em São Luís que, numa de suas batalhas, o Rei da Turquia tornou-se prisioneiro dos cristãos e foi trazido para o Brasil por Dom Luís. Aqui, os dois se encantaram e Dom Luís foi para a Casa de Nagô, onde foi recebido por Mãe Alta, e o Rei da Turquia, incorporando em Anastácia, fundou o primeiro terreiro de caboclo do Tambor de Mina, que ficou conhecido como Terreiro da Turquia, por reunir muitos encantados de sua família - seus filhos, com suas três esposas, e os filhos de

seus aliados, que foram adotados por ele, para selar sua aliança com eles.

Na Mina-Nagô, os nobres, como Dom Luís, Dom João e Dom Manoel são considerados membros de uma só família, a dos “nagô-gentil” (fidalgos). Mas os turcos, embora sejam às vezes considerados aparentados a eles, são classificados como encantados “taipa”. Várias “doutrinas” cantadas em homenagem a Dom Luís nos terreiros da capital maranhense acentuam a sua identidade francesa e a sua relação com o nagô:

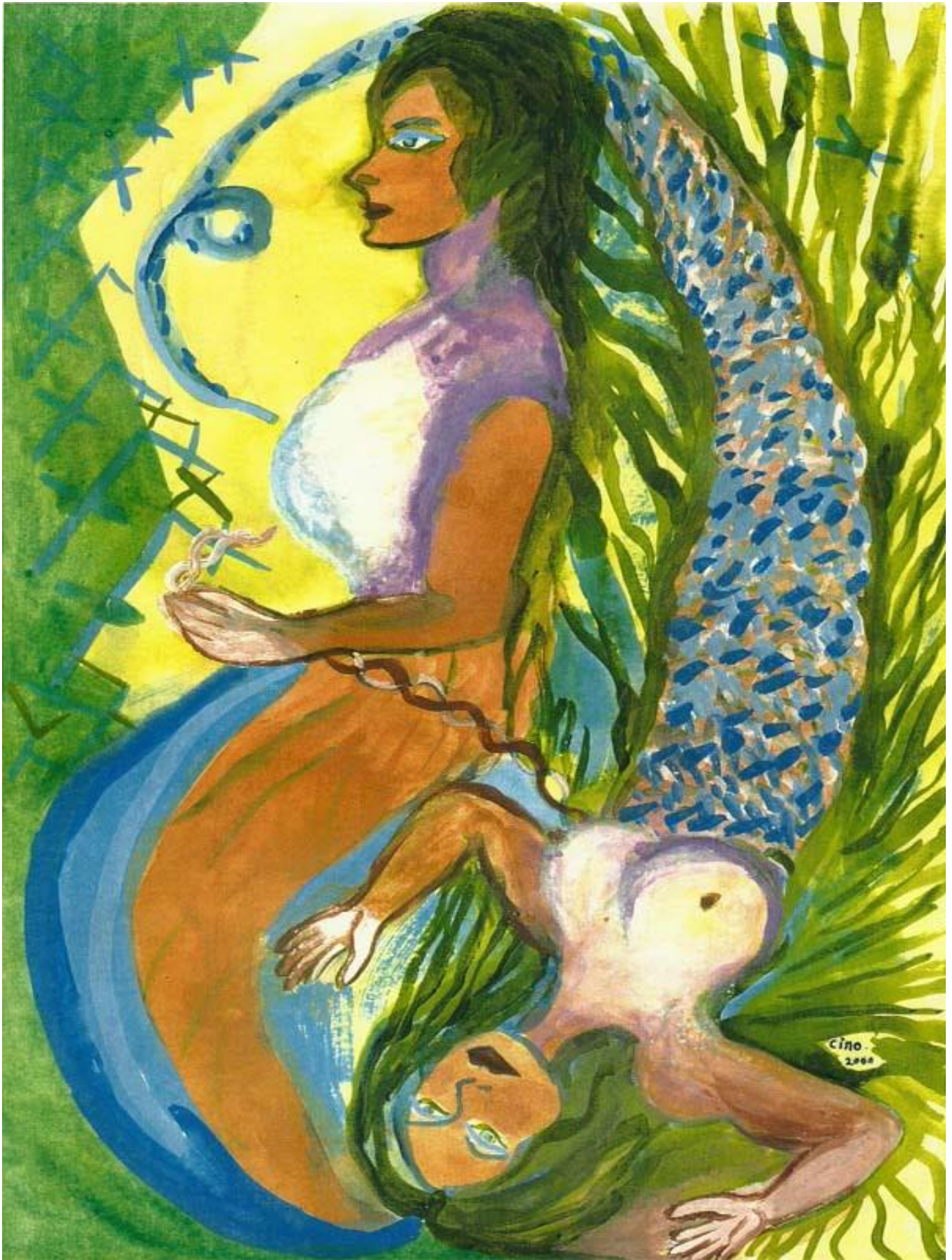
*“Venceu Brasil, venceu Brasil
Dom Luís é Rei de França”*

*“Ele é menino, ele é francês,
Dom Luís é rei nagô”*

*“Ele é francês, ele é francês,
Dom Luís é rei de França, ele é francês”.*

.....

Um dos filhos de Dom Luís, Luizinho, é recebido na Mina com muito respeito, como um nobre. Outro, Antônio Luís, vem como caboclo e é um dos encantados mais populares da pajelança realizada em terreiros da capital maranhense.



Encantaria do Mar - Ciro Falcão-2000

1.5 Antônio Luís, o “Corre Beirada”⁵

Antônio Luís era muito amigo de seus dois irmãos mais velhos. Um de seus irmãos era casado. Eles viveram numa época de muita guerra e participaram juntos de muitas batalhas, mas houve uma de que seus irmãos participaram e ele não. Passado algum tempo que eles haviam partido para o campo de batalha, Antônio Luís recebeu a notícia de que os dois haviam morrido. Ele ficou muito acabrunhado e deu para beber.

Certa vez, estando bêbado, “boliu” com a cunhada e ela ficou grávida. Logo depois, seus irmãos, que haviam sido dados por mortos, apareceram. Ele, sem saber como encarar o irmão e explicar a gravidez de sua mulher, preferiu se atirar no mar, onde se encantou e passou a viver em carne e em espírito.

Muitos anos depois ele incorporou num homem, que não conhecia a família dele, foi falar com o irmão, que ainda era vivo, e disse quem ele era. O irmão só acreditou porque ele falou muitas coisas do seu passado,

⁵ Baseada em história recolhida em entrevista com Dona Raimunda, do terreiro de Aurílio (em Tajipuru) - São Luís, 1985 (?).

que não eram de conhecimento público. Naquela ocasião, ele informou ao irmão que o seu nome, em terra, era Antônio Luís, e que no mar era Corre Beirada, nome pelo qual passou a ser também chamado nos terreiros onde é recebido. Depois daquela revelação, o irmão passou a ajudar o homem que foi o primeiro "cavalo" de Corre Beirada.

Não se sabe a partir de quando Antônio Luís passou a ser recebido em terreiro de Mina e salões de curadores, o que se sabe é que nos da capital maranhense ele é conhecido como filho de Dom Luís, Rei de França.

.....

Venina Barbosa conhece uma outra história de Antônio Luís, onde ele também aparece ligado ao mar e à cachaça. Antônio Luís deveria suceder o pai, Dom Luís, Rei de França. Mas, como era dado a ocultismos e à boemia, foi destronado por aquele rei, como é narrado em uma de suas “doutrinas” cantadas em terreiros de São Luís:

*“Por causa da cachaça já perdi minha coroa,
sabe Deus e muita gente que a cachaça é muito
boa”.*

Mais tarde, devido ao seu contato com magos, entrou na encantaria e passou a vir como um peixe, em salões de curadores, com o poder de curar e com muitos outros dons. Fala-se que ele se encantou num peixe, num cambel, porque, apesar de nobre, foi pescador. Por isso, quando se canta uma toada num ritual de Cura (pajelança) falando nesse peixe, já se sabe que Corre Beira chegou:

“E olha os olhos do cambel, que alumeia lá no mar”...

2 HISTÓRIAS DE MÃE D'ÁGUA

Nos salões de curadores e em alguns terreiros de Mina da capital maranhense, onde são realizados também rituais de Cura (pajelança), o termo mãe d'água designa freqüentemente o conjunto de entidades espirituais caboclas recebidas por um pajé ou curador, classificadas como linha de água doce. Designa também entidades femininas metade peixe e metade mulher, encantadas em poços e rios, como as que aparecem nas narrativas selecionadas para esse livro. A Mãe d'Água é representada iconograficamente de forma semelhante a Iemanjá, orixá das águas salgadas, representada nos terreiros de Umbanda e cultos afro-brasileiros como uma sereia do mar.

Acredita-se que a Mãe d'Água (sereia de água doce) exerce um magnetismo sobre as “crianças inocentes”, de até 7 anos, principalmente sobre as que não foram batizadas, pois ela é pagã. Deste modo, no interior ou na área rural, quando uma criança pequena desaparece, suspeita-se logo da Mãe d'Água. E, na cidade, quando uma criança que ainda não foi batizada tem pesadelo ou convulsão, aparece sempre alguém afirmando que isso é coisa de Mãe d'Água e procurando batizá-la de emergência, com a água do banho.

Existe na Mina, na encantaria de água salgada, uma versão masculina da Mãe d'Água sereia, o Dom Miguel, Rei da Gama, entidade espiritual encantada em um peixe - espadarte ou tubarão. Dom Miguel, que ali é conhecido como metade homem e metade peixe, é também apresentado como filho de Xangô, e sincretizado com São Miguel Arcanjo, daí porque sua festa é realizada no Terreiro de Jorge Itaci no dia 29 de setembro. Sua relação com São Miguel é afirmada na letra de algumas de suas “doutrinas”:

*“Oi da baía, da baía do Pará,
da cintura prá baixo ele é um peixe,
da cintura prá cima ele é Miguel”*

*“Lá no mar ele é um peixe
e na terra ele é Miguel,
ele é o protetor das almas,
da balança do fiel”*

Existe também na Mina maranhense uma entidade espiritual a cuja ação se atribui o desaparecimento de muitas pessoas que moram perto do mato (da floresta), o Surrupira. Essa entidade, que para alguns é o Curupira da mitologia tupi, pode também fazer as pessoas perderem a direção nos caminhos e se embrenharem em mata de espinho. Os Surrupiras têm grande atração por espinhos, pois moram nos tucunzeiros, palmeira cujas folhas são

cheias deles. Fala-se também em terreiros de paraenses que, ao contrário da Mãe d'Água, os Surrupiras não gostam de água e, quando incorporados, se afastam quando alguém joga água nos pés do médium. A relação dos Surrupiras com o espinho aparece claramente na letra de várias de suas “doutrinas”:

*“Minha coroa de espinho,
q’eu ganhei no espinheiro
Meu pai é Mata Zombana,
Surrupira verdadeiro”*

(FERREIRA, E., 1985, p.55).



Mãe d'Água Loura - Ciro Falcão-1994

2.1 A Mãe d'Água que Manduca pegou⁶

Certa vez, andando pela beira do rio do lugar onde morava, um curador chamado Manduca avistou uma Mãe d'Água. Ela estava distraída, de costa, e ele foi de mansinho, pulou, agarrou a guelra dela (dizem elas têm guelra), "panhou" e levou ela pra casa.

Nas redondezas todo o mundo soube do acontecido e queria ver a Mãe d'Água, mas ele a deixou trancada no “quarto de segredo”. Ela não tinha rabo de peixe como as pessoas falam que elas têm. Era uma mulher normal, mas não comia e não falava, nadinha. Ele conversava com ela pela manhã, mandava ela andar pela redondeza, mas ela ficava só olhando para ele e para Dona Pupu, a senhora que o ajudava na Cura e que morava com ele. Geralmente todo curador tem um servente. Ela tomava muita água e Dona Pupu, sempre que ela estava olhando para eles, dava água para ela beber.

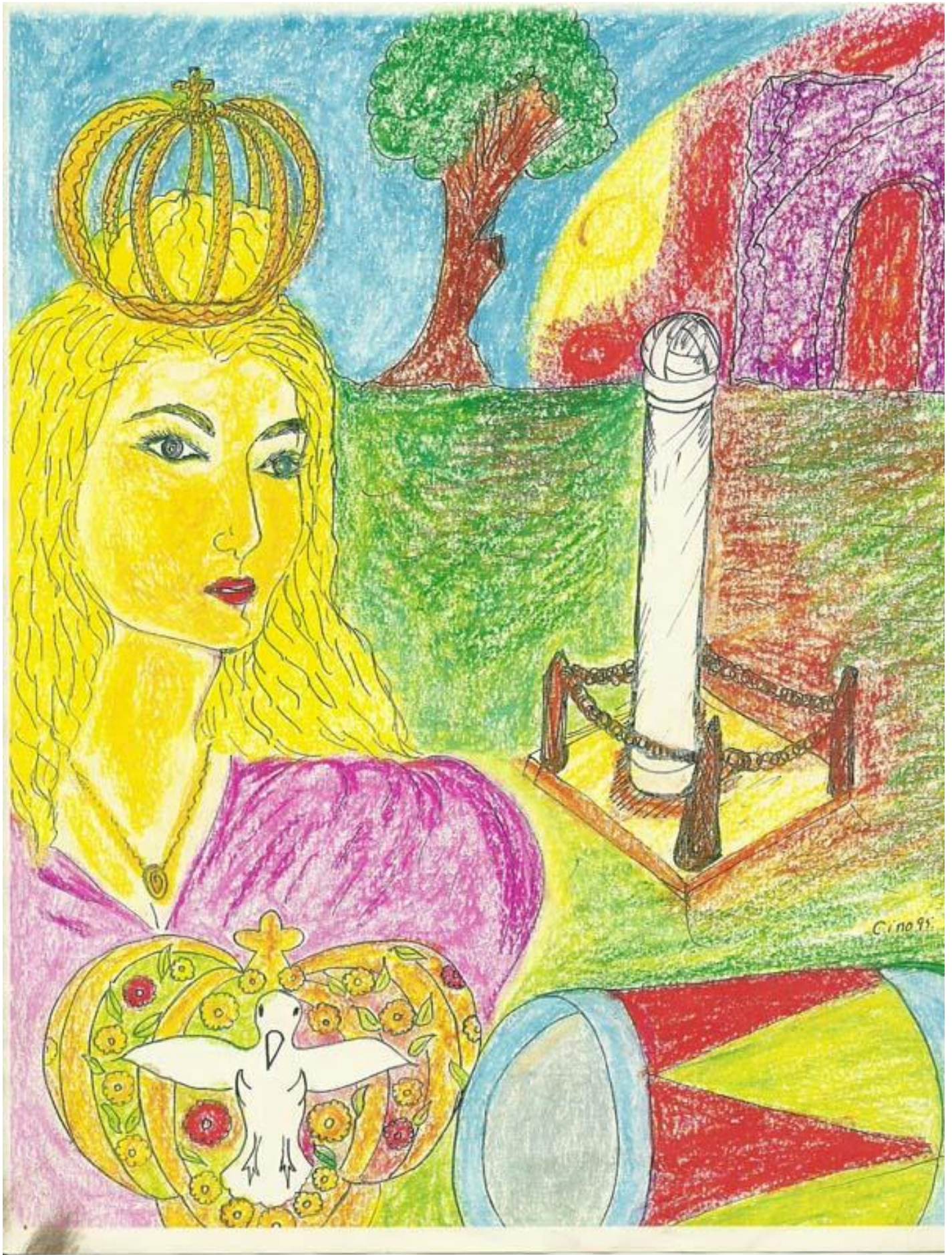
⁶ Baseada em história recolhida por Venina em conversa com Euclides Menezes Ferreira, babalorixá e fundador da Casa Fanti-Ashanti - São Luís, maio de 1987.

Só depois de algum tempo que a Mãe d'Água estava lá, é que a vizinhança, de tanto insistir, começou a “brexar”. Mas, tinha que acordar muito cedo para olhar a Mãe d'Água. Aí o tempo passou. Um dia, Dona Pupu estava "consertando" peixe e ela estava solta, andando. E, de repente, avançou, pegou uma guelra de peixe, meteu na boca e sumiu. Dona Pupu ainda olhou ela correndo, desesperada, para o rio. Antes de entrar na água, a Mãe d'Água deu com a mão para ela e sumiu, até hoje... A partir daí, a vida de Seu Manduca tornou-se um verdadeiro fracasso. Foi castigo da Mãe d'Água, é o que todo mundo diz, e ele bem que mereceu...

.....

Uma zeladora de terreiro de Mina de São Luís, natural de Guimarães, falou a Lícia Santana, então aluna de Ciências Sociais da UFMA, que já teve guelra. Segundo contou àquela pesquisadora, já tinha uns 10 anos quando foi curada desse problema por uma pajoa. Antes de ser curada, não comia nada que davam a ela, tinha muito medo das pessoas e só se sentia bem quando fugia para o mato ou para o rio. Contou que parecia um animal ou uma feiticeira. Suas unhas eram como garras, suas pernas tinham pelos longos e uma espécie de escama de

peixe. No mato, às vezes, se jogava em espinheiro e só dormia com uma cobra enlaçada no seu corpo. No rio, mergulhava e deitava no fundo no colo de uma moça. Quando ia para o mato ou para o rio, era alimentada pelos encantados. Sua mãe foi avisada, pelo encantado Antônio Luís, que precisava fazer uma Cura para tirar a guelra dela, pois, se ela não fosse curada, um dia iria desaparecer para sempre. Mas não foi fácil fazer esse trabalho, e a pajoa que fez quase morreu depois dele. A cobra que se enroscava de noite na menina cobriu o seu corpo com uma gosma, para impedir que as pessoas se aproximassem dela, dificultando muito o trabalho da pajoa...



Realeza e Divindade em Alcântara - Ciro Falcão-
1995

2.2 A força do batismo⁷

Mais ou menos em 1905, no sítio do Queluz, município de Guimarães, um menino caiu num poço e desapareceu. O menino tinha uns cinco anos. Os pais dele, depois de muita busca, consultaram uma pajoa e ela, já sabendo que por ali existia um “olho d’água”, fez uma “experiência” e disse que ele estava no fundo do poço. Poço que tem olho d’água tem dono. Eles fazem tanta coisa lá que a água, quando sobe, vem fazendo "tchuco, tchuco, tchuco, tchuco"... Tem uma coisa que vira dentro. A terra vem subindo, como se uma coisa estivesse mexendo dentro d’água...

É difícil uma pessoa que desaparece num poço não aparecer depois. Quando chega o tempo, elas bóiam. No tempo marcado elas sobem, em gente mesmo, e aí vêm fazer e acontecer... Os que sobem vêm com um poder diferente do nosso, um poder de pagão. Então tem que se fazer uma festa para batizar essa criatura, para que ela possa conviver conosco. Só então ela fica feito um curador ou curadeira, de acordo com a força dela.

⁷ Baseada em história gravada por Venina em conversa com Mãe Emília - São Luís, maio de 1987.

A pajoa, depois de ouvir os pais do menino, disse que ele ia boiar no tempo marcado e que ia bater um maracá pra ver se ele subia. E, reunindo outros pajés, foi para a beira do poço para chamar o menino. Ele veio, mas quando boiou e chegou perto dela, apareceu uma pessoa “imprópria”. Foi só dizer “lá vem fulano” e ele foi pro fundo, escapuliu da mão dela e “fundiu”. Esse dia foi perdido. Marcaram então outro dia, em tempo de lua cheia. E o menino ficou “no fundo”.

Quando chegou o tempo da lua, tornaram a fazer concentração lá e a pajoa, tocando numa roupa do menino, começou a cantar. Ele boiou novamente, veio em cima. Então ela pegou ele com uma das mãos e com a outra cobriu o corpo dele com uma toalha usada no batismo e foi logo abraçando ele. Dessa vez ele não fugiu. Ela o pegou com “sustança”, arrastou e cobriu com a toalha. A toalha quebrou a fúria dele.

A pajoa agarrou o menino e trouxe ele nos braços para casa, para curá-lo novamente, para que “eles” não tornassem a levá-lo. E teve que “fazer sala”, como se diz.

Teve que dançar e fazer remédio para ele não fugir novamente. O menino passou mais de oito dias no poço e, se a pajoa não tivesse curado ele, hoje ele seria

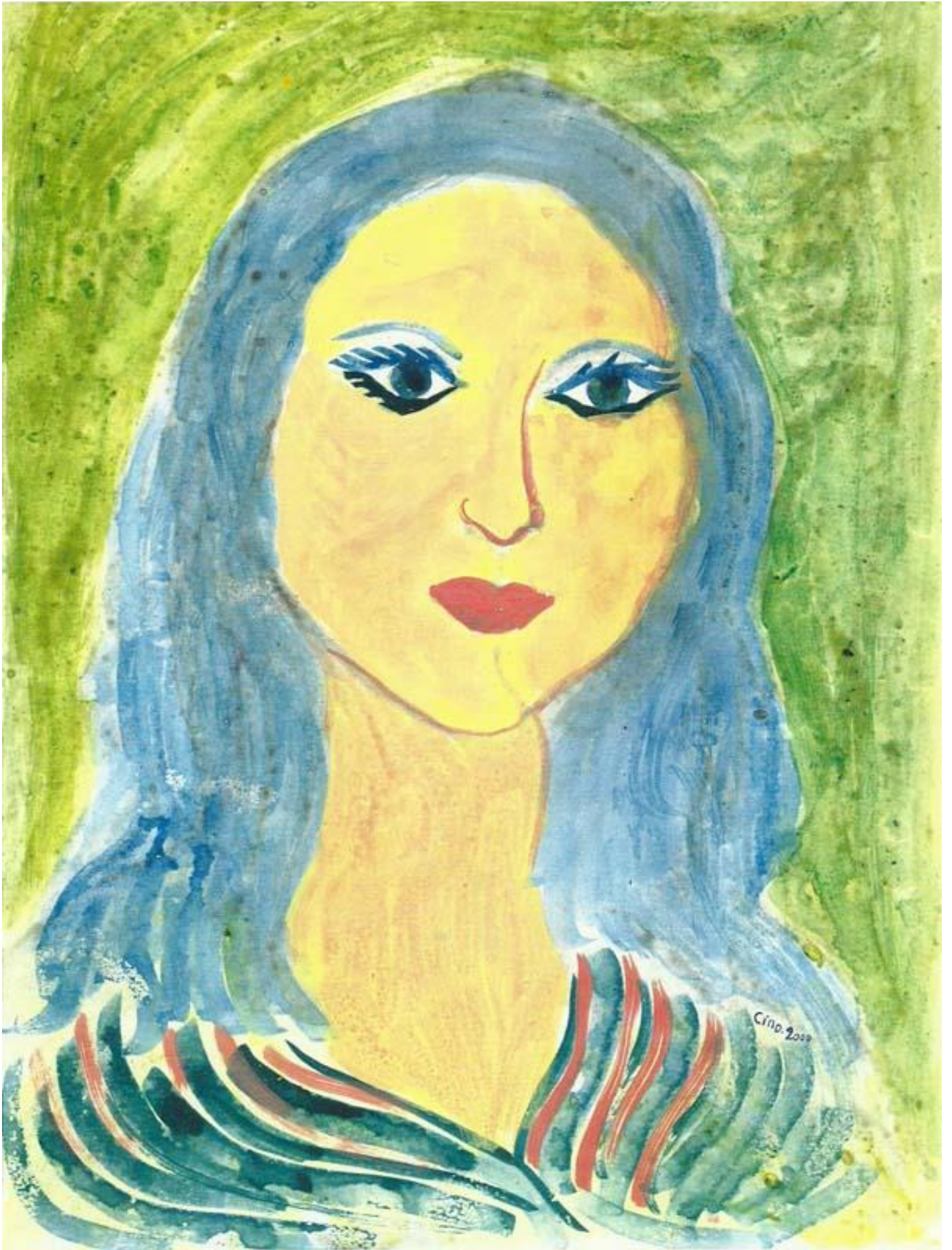
encantado. Foi tirado do poço porque a toalha quebrou a força da Mãe d'Água, que é pagã. Ele só podia ser ainda pagão. É difícil Mãe d'Água levar quem é batizado. Surrupira e Mãe d'Água carrega só pagão... O serviço que devia ser feito nessa criança era batizar ela em cima para que não fugisse de novo.

O certo é que esse menino se criou, ficou homem e o poço onde caiu ainda deve existir por lá. Há quem diga que ele já veio de lá preparado. Se não tivessem achado alguém com força para tirar ele de lá, ficaria encantado para sempre. Voltou com o chamado da pajoa, mas foi a toalha do batismo que fez ele ficar aqui. Como a Mãe d'Água que agarrou o menino é pagã, o poder da toalha de batismo quebrou sua força.

Fala-se que uma toalha de batismo na mão de quem sabe trabalhar, tem poder de tirar até praga de pai, de pai que diz para uma coisa ruim acontecer com a criança. A madrinha, tendo a toalha que batizou aquela criança e sabendo rezar o “Creio em Deus Padre”, seja lá o que for, cobre a criança com ela e espanta esse mal de cima dela. Agora, o povo diz que o que uma mãe de leite bota, ninguém tira, só Deus...

.....

No Maranhão, as mães que têm filhos pequenos vivem atentas para que eles não sejam levados pela Mãe d'Água. E, quando os padrinhos não podem batizá-la ainda “verdinha”, alguém procura batizá-la no banho, com a água da bacia, para não correrem o risco de serem levadas pela Mãe d'Água.



Cabocla - Ciro Falcão-2000

2.3 A Mãe d'Água levou⁸

Num passado não muito distante, havia uma menina que morava com seus dois irmãos e sua mãe. Ela ouvia vozes e vivia apavorada. Sua mãe era uma mulher má e maltratava muito os filhos.

No lugar onde moravam, não tinha água boa para beber. Precisavam buscar água em um poço que ficava muito longe e que servia a toda a população. A menina não gostava de ir lá porque ouvia vozes.

Um dia, já anoitecendo, a mãe obrigou a menina a ir buscar água no poço. Ela só foi depois de apanhar, de palmatória, da mãe e do pai. Chegou na beira do poço depois das 17:30hs, chorando, começou a lavar as mãos que estavam inchadas de tanto apanhar, para aliviar o ardor. O choro da menina atraiu a Mãe d'Água do poço de beber, que aparecendo perguntou à menina por que estava chorando.

A menina começou a contar a ela o que acontecera e foi ficando com sono. A Mãe d'Água fez ela

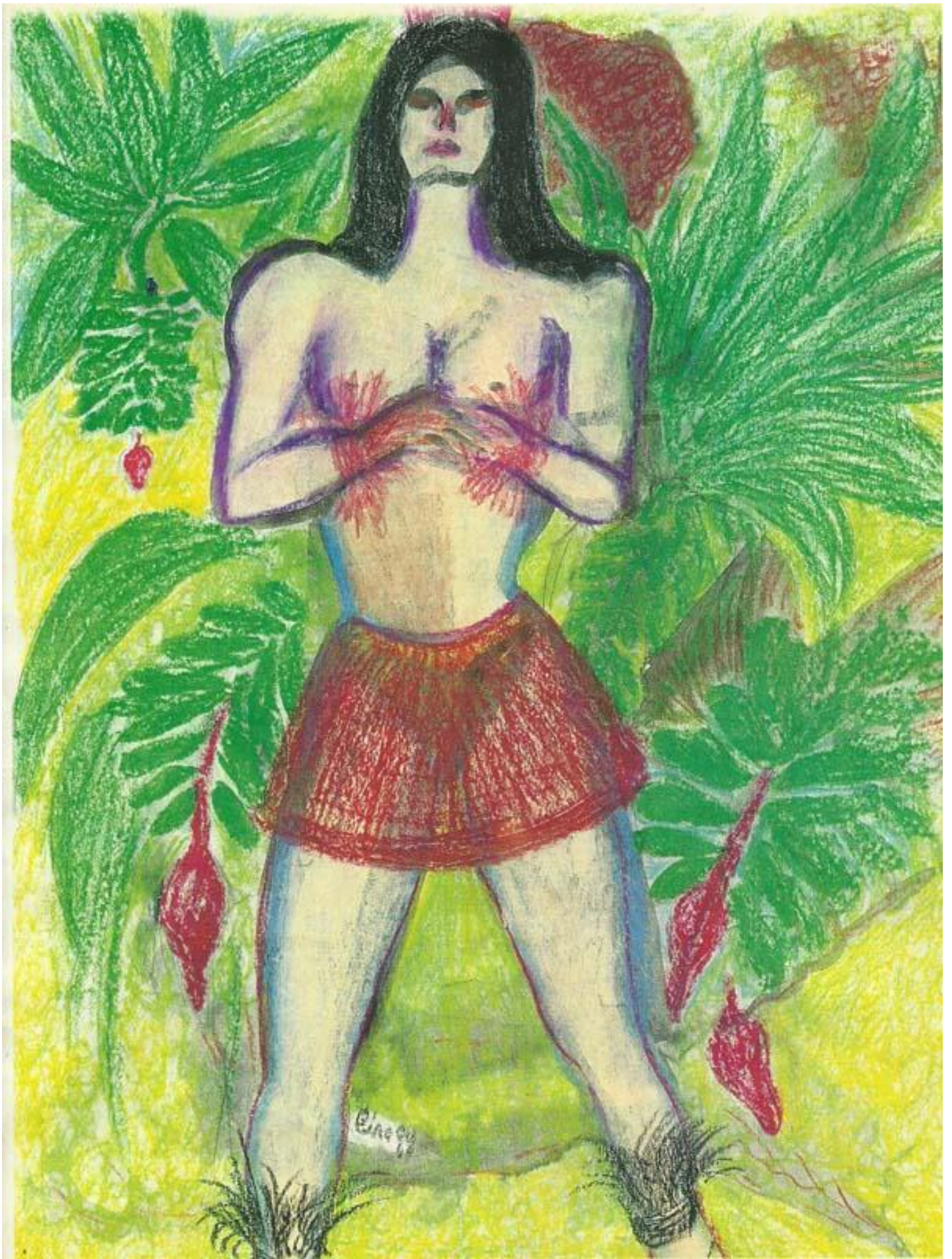
⁸ Baseada em história gravada por Venina em entrevista com Mãe Emília - São Luís, 30/09/86.

dormir e depois levou-a consigo. Como a menina não voltou, desapareceu, foi dada por morta...

Uns 7 anos depois, num ritual de Cura, passou uma menina cantando, de modo triste:

*“A mamãe tá chorando
porque eu vou me encantar,
a mamãe é culpada
da Mãe d’Água me levar.
Ô não chora, não chora, mamãe,
ô não chora, não chora, papai,
a Mãe d’Água me leva,
a Mãe d’Água me leva,
a Mãe d’Água me traz”*

Pessoas da assistência que ouviram aquela música e que conheciam a menina desaparecida a reconheceram. Daí em diante, ela passou a ser lembrada como a menina que a Mãe d’Água levou...



Caboclo da Mata - Ciro Falcão-1994

2.4 Filho de Mãe d'Água⁹

Uma vez, no interior do Maranhão, uma mulher teve um filho com um Mãe d'Água. A mulher viu tudo o que o Mãe d'Água fez com ela e ficou grávida, sem ter outra pessoa, fora aquela “sombra”, que “teve passado” com ela. O Mãe d'Água era um caboclo, veio como homem.

A mulher era acaboclada e o homem que “ tirou ela de casa” era negro, bem preto. O menino que nasceu dela era grande, branco, parecia um português ou um alemão. Era bem louro. Mas tinha uma coisa diferente dos homens. A “tripa” dele (o pênis) era “desconforme”, “desgovernado” e nunca “empinou”. Era um nervo mole...

A mãe da criança garantia que, quem “teve passado” com ela foi Mãe d'Água e que o menino era filho deles, pois ela viu e sentiu tudo.

⁹ Baseada em história gravada por Venina Barbosa em conversa com Mãe Emília - São Luís, maio de 1987. Essa história lembra a de donzelas engravidadas por botos encantados que, assumindo forma humana, vêm ter com elas. Como diz a conhecida canção amazônica: “Quem tem moça nova é bom vigiar, que o boto não mora no fundo do mar”.

Na hora do parto, a mulher estava "sombreada" do espírito de uma madrinha dela, que a havia criado. A parteira, por meio de oração, fez ele se manifestar. E foi só pegar ela a criança "raiou". Foi "num pé só", não caiu porque uma senhora agarrou, pois o menino, quando botou a cabeça, escorregou.

A criança morreu com quatro meses porque a mãe maltratou, não deu conforto a ele e porque a parteira vivia também doente, com essas coisas de espírito. Esse pajé a "aporrinhou" muito e ela vivia "acabada". Como tinha muito medo deles, não podia tratar a criança, não tinha coragem. E, quem zelava por ela era uma de suas filhas que estava na época criando o filho dela. Era ela quem ainda amamentava aquela criança...

A mãe do menino, quando dava 06:00hs. da tarde não existia mais, "morria pro tempo". Perdia a fala e não tinha mais domínio. Isso aconteceu durante a quarentena toda. A parteira era quem ia aprontar ela: calçar meia, vestir, "enturmar" a cabeça dela, como é costume no interior e como aprendeu com sua mãe a tratar suas paridas. De manhã, ela estava viva, mas, quando passava o dia e chegava 06:00hs da tarde, podia ir lá que ela já estava como "morta".

Essa criança morreu, “eles” levaram a criança. Ela chorava muito e chorou tanto que ficou sem força. A mãe tinha muita preguiça. A parteira dizia: "pequena, dá de comer pra teu filho"... Não podia estar com ele nos braços porque tinha medo de espírito, como uma doida... Era por causa da "tripa" dele que ela tinha tanto medo... Tinha vontade que ele se criasse, ele era “de lampanto”, compridão, mas desmaiava. Não se sabe se essa criança foi levada pela madrinha da mãe ou por Mãe d'Água, pois era deles. A mãe veio depois para São Luís e, mais tarde, foi embora para o Rio de Janeiro e nunca mais tiveram notícia dela.

3 ENCANTARIA MARANHENSE

Encantaria ou “encantoria”, como já ouvi falar em Santo Antônio dos Pretos (município de Codó), é “coisa de encantado”, de entidade espiritual que baixa na Mina, no Terecô, nos salões de curadores e em terreiros que hoje são mais conhecidos como de Umbanda. É nome de ritual onde há incorporação de encantados e também de lugar, onde se acredita que eles habitam: pedra, árvore, poço, rio, baía, praia, ilha e outros.

As histórias de encantado contadas em São Luís são cheias de referências a lugares de encantaria. Alguns são localizáveis em mapas geográficos e em cartas náuticas do Maranhão e do Pará, como as praias dos Lençóis, de São José de Ribamar, do Olho d’Água; a Ilha dos Caranguejos; a Pedra do Itacolomi; e o Boqueirão. Mas alguns dos lugares que são referidos nas histórias de encantados parecem desconhecidos, como é o caso da Mata do Gangá, onde reinam os Surrupiras.

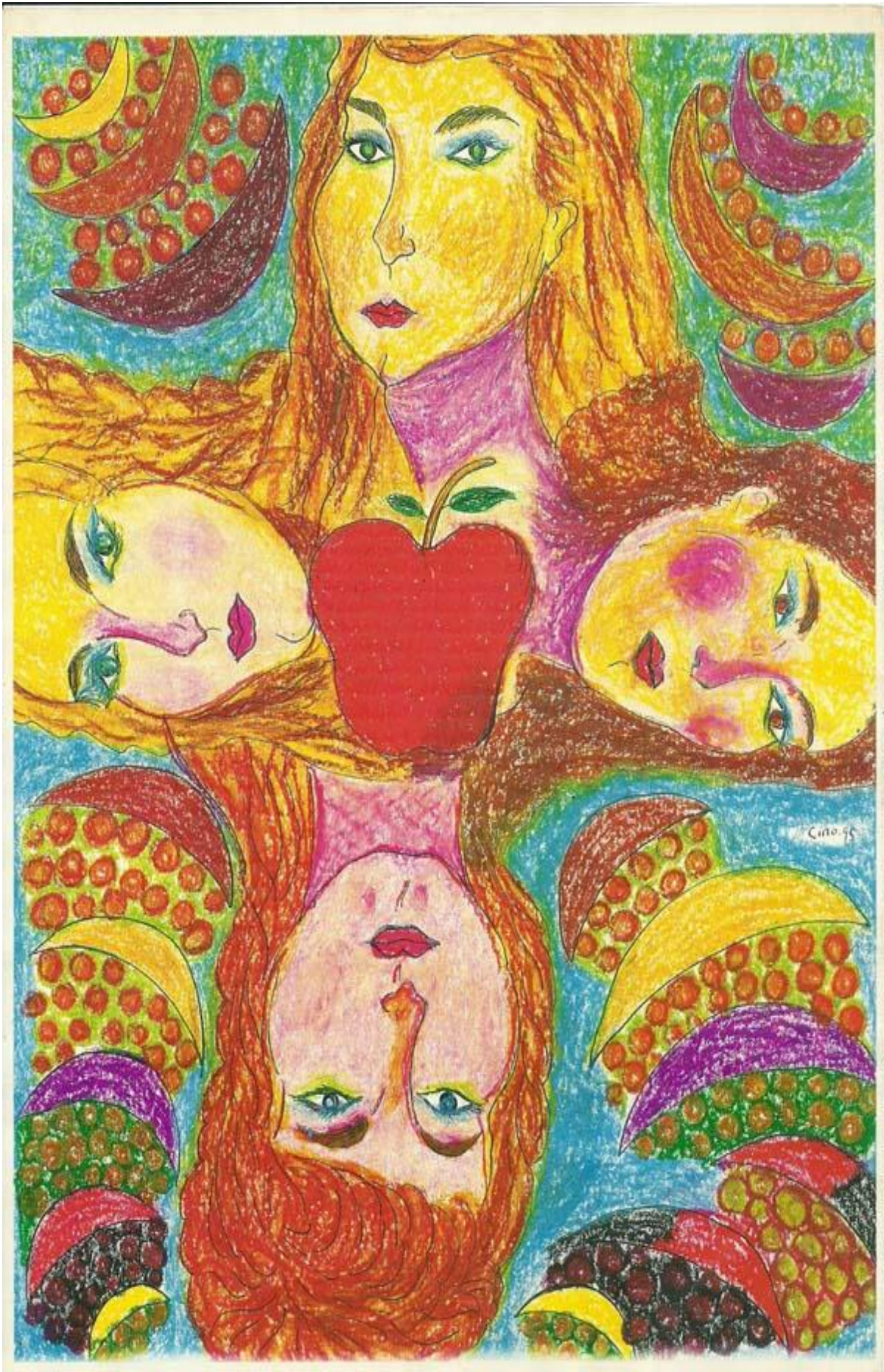
Tanto as encantarias de lugares conhecidos como as de lugares desconhecidos são inacessíveis à maioria das pessoas. E a morada dos encantados parece que nunca fica na superfície. Quem diz ter sido levado pelos encantados para lá, fala em lugares submersos em águas

profundas, em caminhos longos para dentro da terra, etc. E, geralmente, quem afirma ter ido lá não costuma falar muito por medo de castigo ou para não perder alguns dons recebidos das entidades espirituais.

Fala-se que quem vai a uma encantaria não pode comer nada do que lhes for oferecido, sob pena de se encantar e de só poder voltar ao mundo onde vivia, muito tempo depois, e, assim mesmo, para curar, incorporando em algum pajé ou curador ou em alguém escolhido para trabalhar com ele.

Mas os encantados, às vezes, revelam aos médiuns e frequentadores de terreiros algumas coisas sobre sua encantaria, através das letras das “doutrinas” por eles cantadas nos rituais.

Fala-se que, no Nordeste Oriental, na preparação do juremeiro, os noviços (candidatos a mestres) têm que percorrer todos os reinos encantados da Jurema, em uma viagem que parece semelhante a realizada pelos pajés sacaca do Norte, mencionada por Eduardo Galvão em *Santos e Visagens* (GALVÃO, E. 1976).



Bancada de Princesas - Ciro Falcão-1995

3.1 Itabaiana, ilha Encantada¹⁰

Seu Ribamar era biscateiro, mas nas “horas vagas” ia pescar. Tinha que procurar comida para a família. Numa de suas idas à pesca rumou para Itabaiana, uma ilha que fica no município de São José de Ribamar, bem em frente ao Munim. Lá era lugar de muito peixe, mas muitos não tinham coragem de ir lá. Ele já havia escutado muita história, mas dizia que tudo era mentira.

A maré estava bonita. Ele estava remando com uns companheiros quando de longe, à uns 100 metros, avistaram a “revolta do mar”. O mar estava revoltado. Mas viram logo que não era uma revolta normal da maré porque ela estava começando no pé do morro, o que era uma coisa muito estranha.

Quando iam se aproximando, tentando chegar lá, os pescadores escutaram um rufar de tambor. E, na proporção que batiam lá em baixo, o mar fazia “bu-bu-bu”, fazia a mesma zoadá. Eles escutavam direitinho o rufar de tambor como se escuta nos terreiros de Mina. E,

¹⁰ Baseada em história recolhida por Venina Barbosa, filha da Casa Fanti-Ashanti, em entrevista com José de Ribamar - São Luís, 30/01/88.

quanto mais eles se aproximavam, mais intensa ficava a revolta do mar e a zoadada. E eles viram que tinham que parar, ou a canoa se desarrumava e quebrava toda. Eles ficaram algum tempo alí, só escutando. Depois viram que o jeito era voltar ou procurar outro lugar para pescar, pois ninguém tinha coragem de ultrapassar aquele ponto no momento em que os invisíveis estavam fazendo as coisas deles. Aos mais afoitos eles costumam dizer em tom de desafio: “se você acha peixe na cabeça do dedo, vai lá”...

Seu Ribamar tentou, mas quase morreu.

Várias cantigas de Cura falam que Itabaiana é lugar de caboclo e de encantaria, como essa cantada na

Casa Fanti-Ashanti:

*“Eu sou uma curadeira,
moradeira de Itabaiana.
Lá se pesca, quando eu deixo,
assim mesmo, de ano a ano”....*



Encantaria do Rei Sebastião - Ciro Falcão-2000

3.2 Encantaria do Rei Sebastião¹¹

Reginaldo, marceneiro de Cururupu, foi fazer o telhado de uma escola na Praia dos Lençóis. Ele já sabia que ali morava o Rei Sebastião e ouvira falar de uma pessoa que achou por lá um sapatinho e que muitas encontraram um cachimbo de ouro. Sabia também que quem encontrava na praia alguma coisa do reino encantado ali estabelecido tinha que deixar na beira d'água, caso contrário não poderia ir embora, pois o barco não conseguiria sair de lá. Fala-se que, como hoje aquele lugar está cheio de casas e de turistas, já não se acha mais nada. O próprio Rei Sebastião já não está mais aparecendo. Antes ele era visto como touro, ao meio-dia. Mas, desde quando apareceu por lá um homem querendo enfrentá-lo, que ele não é mais encontrado. Ele veio ao seu encontro, mas depois se afastou e nunca mais foi visto...

Reginaldo, logo que chegou lá, conheceu um moço e, sem saber porque, foi por ele convidado a visitar os lugares secretos da Praia dos Lençóis: Cachimbo, Bacia e Ponto do Galego. Eram todos altos. No primeiro,

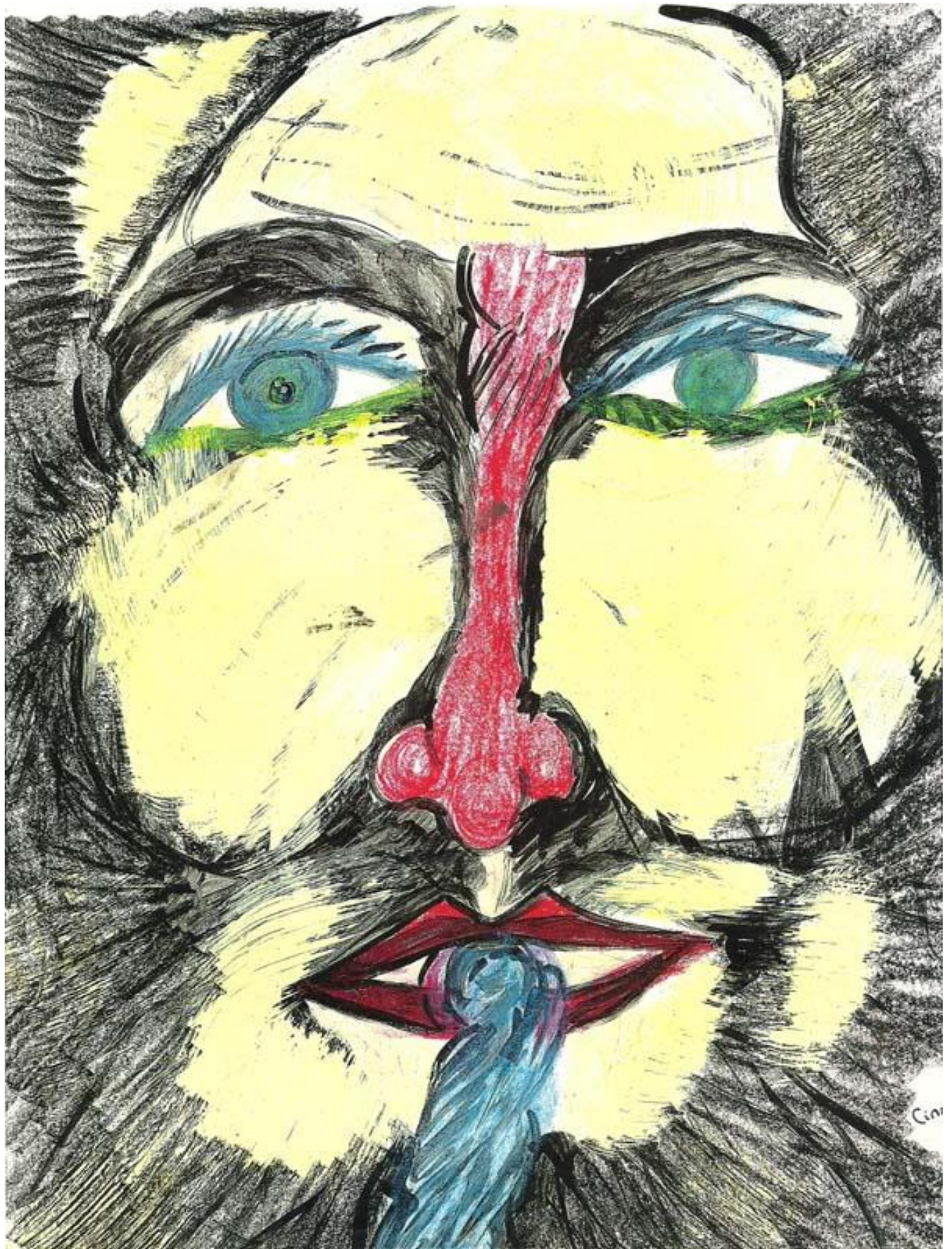
¹¹ Baseada em história recolhida em entrevista com Reginaldo, na casa do curador Betinho - Cururupu, 11/11/94.

havia uma areia fina como talco. Ele encheu as mãos e, quando suspendeu, viu que ela havia sumido toda. Chegando no segundo, que ficava mais alto ainda, viu que existia do outro lado, em baixo, uma lagoa, um juçaral e gado branco pastando. Para voltar de lá foi difícil, pois escorregava o tempo todo. O terceiro lugar era tão alto que parecia ficar nas nuvens. Ao chegar lá, ele sentiu logo a vista escurecer e a cabeça rolar. Desta vez ele não viu nada. Saiu correndo e, quando viu, já estava em baixo, morrendo de sede.

O moço que o conduzira até aqueles lugares e que também voltara correndo, cavou um buraco de dois palmos de profundidade na areia da praia e dali jorrou água doce. Ele jogou um lenço dentro e mandou Reginaldo chupar para matar a sua sede. Reginaldo estava cansado e um pouco confuso com tudo o que vira ali.

O que aconteceria se aquela praia fosse desencantada? É melhor nem pensar nisso. Existe uma doutrina, muito cantada em São Luís nos terreiros de “mineiros” e curadores, que parece advertir que não se deve fazer nada para quebrar o seu encanto:

*“Rei, rei, rei Sebastião
se desencantar Lençóis
vai abaixo o Maranhão”*



Povo d'Água - Ciro Falcão-1994

3.3 Os poderes de Tobias¹²

Na ribeira do Itapecuru-Mirim, município de Codó, um casal pobre teve um menino defeituoso. Deram a ele o nome de Tobias. Esse menino nasceu surdo, não escutava nada. Aos três anos ele sumiu de casa. Seus pais, depois de muitas buscas, procuraram um curador.

O curador disse que o menino estava com o “povo do rio” e que, quando chegasse a época, ele voltaria. Doze anos depois o menino apareceu procurando os pais.

Estava com 15 anos de idade. Foi um alvoroço no povoado.

Tobias trouxe de onde estivera duas pedras redondas, bonitas, com um pingo preto dentro. Para espanto geral, ele, quando colocava aquelas pedras no ouvido, escutava tudo o que as pessoas diziam e o que os encantados, “o povo do rio”, diziam pra ele.

Aí começou sua vida de curador. Dava consulta botando as pedras no ouvido e conversando com elas para

¹² Baseada em história recolhida por Venina Barbosa em entrevista com Dona Helena - Codó, maio de 1987.

saber o mal das pessoas. Depois, era só repetir o que ouvira com a ajuda daquelas pedras e indicar os remédios.

Os trabalhos dele eram totalmente diferentes dos que são feitos hoje em dia por curadores. Eram com lama do próprio rio, plantas da beira do rio, pedra do rio. Não usava vela, usava lamparina de óleo de mamona, o chamado óleo de rícino. Fazia curas incríveis e sem precisar de muita coisa: só lama, ervas da beira do rio...

Tobias, embora não pedisse dinheiro, foi melhorando de vida. Ajeitou a casa da mãe dele com a ajuda recebida dos que curava. Começou a estudar, a ler e a adquirir outros conhecimentos. E sua vida continuou assim até mais ou menos seus 40 anos, quando começou a aparecer na vida dele um outro curador. O outro curador começou a aparecer, como curador, por volta dos anos 50 e, desde o início, o pessoal disse que ele tinha pacto com o demônio. Ele então começou a atacar o pobre rapaz.

Tobias tinha um ajudante, um servente, como todo pajé tem, em quem ele confiava muito. Mas o servente estava de olho nas pedras dele porque elas davam muito poder a ele. Quando ele colocava uma delas na mão de uma pessoa, a pessoa sentia um ardor, o calor da pedra, e

ficava fora de si. E, se tivesse com dor, a dor passava logo.

O servente começou a espionar para saber onde Tobias guardava as pedras. Um dia, Tobias guardou as pedras e foi dormir. E o servente, que já sabia onde elas ficavam, foi lá e roubou. Mais tarde, quando Tobias procurou as pedras e não encontrou, ficou desesperado. Sabia que sem aquelas pedras o seu poder acabara. Sem elas, ele não sabia o que fazer, pois eram elas que davam poder a ele...

O rapaz que roubou as pedras foi embora. Não se sabe o que aconteceu com ele. O certo é que ele não mais voltou. Não se sabe se foi para outro lugar e ficou rico, se morreu, ou se foi levado pelo “povo do rio”. O certo é que sumiu. Tobias foi para a beira do rio, esconjurou, disse uma série de “bravura”, mas não recuperou suas pedras...

Tobias continuou a dar consulta, usando os conhecimentos que já tinha, mas tudo ficou mais difícil para ele e algum tempo depois ele ficou desequilibrado. Os trabalhos dele já não eram mais tão eficazes como quando tinha as pedras, mas ele continuou trabalhando.

Como não escutava, a mãe falava com ele por mímica,
para poder ajudá-lo.

Nisso, o outro curador começou a se firmar em Codó e a atacar Tobias, que estava sem nenhuma defesa. Aí Tobias começou a beber, coisa que não fazia, e foi se desequilibrando cada vez mais, até que, numa disputa de magia entre os poderes dele e os do outro curador, que tinha um pacto com Satanás, ele pegou uma moléstia e não houve curador ou médico das redondezas que desse conta e conseguisse curá-lo. Nessas disputas de demandas, em que um faz feitiço, manda e o outro rebate, basta um descuido... Foi o que aconteceu com Tobias.

Nessa época, já tinha morrido a mãe e o pai dele. Ele ficou só e morreu “a míngua” em sua casa. O outro curador continuou crescendo, mas não se sabe até quando, pois Satanás fica sempre do lado de quem dá mais e um dia pode aparecer alguém querendo passar na frente dele...

4 OUTRAS HISTÓRIAS

Certa vez, uma “mineira” me falou que ter encantado é muito bom e poder falar com o seu diretamente é bom demais. Mas, eles são exigentes e, às vezes, vingativos. Se uma pessoa aceitar ser seu “cavalo” e prometer uma obrigação a eles, não pode vacilar. Eles também não gostam que andem falando nele e que usem o corpo que ele incorpora sem pedir licença a ele. O médium sabe que é assistido por ele, mas que seu corpo não lhe pertence e tem que aceitar isso, pois já nasceu assim...

O povo de santo tem muitas histórias para contar envolvendo suas relações com encantados mas, dificilmente, contam essas histórias a estranhos e a pessoas que não têm experiência mediúnica, pois, muitas delas parecem inverosímeis. Essas histórias são, às vezes, também mantidas em segredo, por medo de castigo dos encantados, pois acredita-se que eles não querem que elas sejam vulgarizadas.

Algumas daquelas histórias são contadas para justificar a vocação dos médiuns ou dirigentes de terreiros, outras são narradas para explicar o afastamento e a chegada de entidades espirituais nos terreiros, e outras

ainda para justificar mudanças ocorridas na trajetória dos terreiros, dos pais e filhos-de-santo.

Um certo número das histórias sobre as relações dos médiuns com os encantados falam de castigos, às vezes severos, sofridos por eles, quando não querem aceitar sua missão religiosa ou se afastam dela. Como essas histórias são narradas mais facilmente e com maior frequência, foram aqui privilegiadas.

Embora muitos afirmem que caboclos são mais vingativos do que orixás, não se deve pensar que os “mineiros” só recebem castigos de entidades que surgiram no culto afro-brasileiro. Como foi relatado por Sergio Ferretti, muitas vodunsis da Casa das Minas, onde só se recebe entidades africanas, sofreram, na pele, esses castigos (FERRETTI, S., 1996).



Dom Luís, Rei de França - Ciro Falcão-1995

4.1 O preço de um privilégio¹³

Mãe Alta, a primeira pessoa a receber Dom Luís, viveu 105 anos. Era filha de um português com uma escrava. Quando criança, foi oferecida ao vodum Dadarrô, pois sua mãe era ligada à Casa das Minas. Mas, quando estava com 18 anos, “bolou” na Casa de Nagô com Dom Luís que, apesar de não ter incorporado antes, já era esperado ali. Naquele tempo, havia muito rapto e era comum um vodum ficar com uma filha de outro. Mas Jorge Itaci, pai-de-santo que foi escolhido por ele ao nascer, considera Dom Luís o mesmo vodum Dadarrô. E, como esclarece, o “rosário” dele, usado por Mãe Alta, dava a entender que ele era um vodum jeje – era de miçanga marrom (“rongeva”), com umas contas mariscadas na marcação, que são usadas na Casa das Minas.

Mãe Alta, a princípio, não levou a sério a escolha de Dom Luís e, como gostava muito de festa, continuou se divertindo, em vez de cuidar de suas obrigações. Um dia ele veio disposto a dar uma lição nela. Como ela não

¹³ Baseada em história contada pelo pai-de-santo Jorge Itaci Oliveira a Mundicarmo e Sergio Ferretti – São Luís, 25/8/1999.

havia preparado a roupa dele, fez ela vestir roupa de outro vodum (de sua mãe e ou de outra vodunsi da Casa de Nagô), colocou o rosário, acendeu um charuto, sentou numa cadeira e mandou alguém buscar um fogareiro com brasas. Quando o fogareiro chegou, colocou a perna dela sobre ele e continuou fumando. Alguém, sentindo cheiro de carne assada, saiu para ver quem estava fazendo comida naquela hora e, passado por ele, viu o que estava acontecendo e alarmou. O pessoal da casa, constatando que a queimadura era profunda e que já deveria estar perto do osso, conseguiu que Dom Luís suspendesse o castigo e consentisse que chamassem o Dr. Tarquinio Lopes, que era espírita, para examinar a perna de Dona Alta. Ao chegar, o médico reconheceu o vodum que estava nela e, pedindo licença, fez uma raspagem na queimadura, sem anestesia, e enfaixou a perna dela. Mas o vodum não conseguiu que botasse remédio e colocou no ferimento cinza de charuto e azeite de dendê. Depois, Dom Luís foi embora dizendo que ela ia ficar boa, mas, se não se conscientizasse de que fora escolhida por ele, como filha, ele voltaria para queimar sua outra perna.

Depois daquela “lição”, Mãe Alta aceitou a sua missão e, daí em diante, a desempenhou muito bem. Durante 70 ou 80 anos recebeu Dom Luís, que vinha nela

de modo solene e passou a ser um dos mais importantes da Casa de Nagô. Mas ficou mancando, o nervo da perna parecia ter encurtado. Até que, numa noite de toque na Casa de Nagô Dom Luís chegou e esticou a perna dela de tal jeito que estalou. Os que ouviram o estalo ficaram com medo dos nervos terem se rompido, mas depois daquela esticada, ela dançou com Dom Luís a noite toda. E, no dia seguinte, a perna dela estava boa, só se via a cicatriz da queimadura...

Dona Alta, enquanto viveu, fazia uma grande festa para Dom Luís, no dia 25 de agosto, quando a Igreja Católica celebra a festa de São Luís IX. Ele chegava na véspera e só ia embora na noite seguinte, depois do toque. Ela ficava sem comer até ele ir embora. Na manhã do dia 25, ele ia à missa, celebrada em uma das igrejas de cidade. Depois havia na casa de Dona Alta um almoço para grande número de pessoas e, no fim da tarde, uma ladainha. Depois, Dom Luís e todo o pessoal iam para a Casa de Nagô, onde ocorria um toque de Mina em sua homenagem. Para abrilhantar a festa, Dona Alta caprichava na roupa que ia ser usada por Dom Luís. Uma vez ela teve um ferimento no rosto e muita gente falou que foi feitiço feito por alguém que tinha inveja dela. Desta vez foi tratada por um curador de Belém. A história

de Dona Alta é um exemplo para todas as vodunsis que não querem se entregar. Como diz a letra de uma das “doutrinas” cantadas na Mina para Dom Luís:

*“Venceu Brasil, ganhou liança
Desceu na guma, Dom Luís é rei de
França”*

Dom Luís é festejado nos terreiros de Mina do Maranhão no dia 25 de Agosto, dia de São Luís IX., santo que é homenageado pela *Federação de Umbanda e Cultos Afros do Maranhão* no dia 8 de setembro, no aniversário da cidade de São Luís. Conta-se que a cidade, que foi fundada por franceses, recebeu aquele nome em homenagem a Luís XIII, que era delfim na época de sua fundação, e a São Luís IX, um de seus antecessores. Por essa razão, a história do vodum gentil *Dom Luís, Rei de França*, que é contada nos terreiros maranhenses, remete tanto à de Luís IX (que organizou a última cruzada contra os mouros), quanto à de Luís XIII, que era delfim em 1612, quando foi fundado o forte que deu origem à cidade de São Luís.

.....

Arthur Ramos informou, em *Aculturação Negra no Brasil* (RAMOS, A,1942:245), que São Luís IX é

associado no Haiti ao Rei Agassou, do Dahomé, recebido em transe mediúnico, no culto “voodoo”. É possível que aquele vodum seja recebido no Maranhão com o nome de Dom Pedro Angassu, e que seja o “Imperador da Mata do Codó”, como consta na letra de uma das “doutrinas” de Pedro Angassu. Além de se falar na Casa das Minas-Jeje que o vodum Arrônovissavá, da família real do Dahomé, veio de Codó, Dona Amélia (que chefiou aquela casa de 1976 a 1997 e que recebia Agaja Dossu, outro vodum da mesma família, filho de Dadahrrô) falou certa vez que Arrônovissavá é irmão do rei Dadarrô e que foi quem criou os filhos dele. Ficou durante muito tempo em Codó, sem encontrar os outros voduns de sua família porque os africanos, trazidos para o Maranhão como escravos, foram para vários lugares e os voduns que os acompanhavam também ficaram dispersos (Entrevista em 17/07/88).



Cabocla de Pena - Ciro Falcão-1995

4.2 Castigo de Encantado¹⁴

Havia em São Luís um homem que recebia Chica Baiana, mas tinha horror dela e, quando ela saía, ele ficava chingando. Um dia ele fez uma operação de vesícula. Ela se afastou dele por uns tempos, mas depois veio, fez ele beber muito e fazer tanto esforço, que os pontos da operação rebentaram e ele ficou muito doente. Quando ele melhorou, ela apareceu de novo. Mandou a mãe dele trazer um bocado de coisa e então, pegou uma gilete e abriu a barriga dele. Depois dessa ele morreu, pois a operação supurou...

.....

Havia também em São Luís um homossexual que “dava passagem” e que tinha dias certos para fazer suas seções. Um dia, quando deveria fazer abstinência sexual, ele teve uma relação com seu parceiro e foi morto pelo seu encantado. Contam que a entidade chegou, pediu uma série de coisas e, “lá pelas tantas”, botou um punhal grande numa cadeira, com a ponta para cima, e sentou o

¹⁴ Baseada em histórias contadas a Mundicarmo Ferretti por Venina Barbosa, filha da Casa Fanti-Ashanti - São Luís, 02/09/86.

médium sobre ele. O punhal perfurou o reto e a próstata e ele morreu...

.....

Um pai-de-santo de São Luís contou que, certa vez, ia fazer um toque e, como se engraçou de uma mulher, mandou o pessoal abrir o toque que ele ia ali e já voltava... O toque começou e ele foi se agarrar com a namorada. Quando menos se esperou ele entrou no terreiro incorporado com Tabajara e foi para o “quarto de segredo”. Como não saia de lá, o pessoal foi ver o que estava acontecendo e chegando lá o encontraram todo ensangüentado, ainda apanhando muito na cabeça. O encantado pegou um banco de couro e quebrou todo na cabeça dele. Como ele ficou sentindo umas tonturas e, às vezes, depois do transe, fica quase desmaiado, suspeita-se que aquelas pancadas tenham afetado alguma coisa no seu organismo e que ainda hoje esteja sofrendo as conseqüências daquele castigo...

.....

Uma filha-de-santo que recebia Jaguarema, irmão de Tabajara, contou também que é doente por causa dele. Disse que uma vez estava dançando Mina e ele veio em alguém da casa e falou a ela que se preparasse pois, mais

tarde, iria passar para ela. Ela ficou dançando um tempão sem encantado - seu contra-guia não veio - e ele no quintal “papeando”. Lá pelas tantas, ela se zangou, saiu da roda e trocou a roupa. Ele, passando por perto dela, perguntou por que fizera aquilo e se ela não estava lembrada de que ele ainda ia passar para ela. E ela, mesmo sabendo que estava errada, respondeu “que não ia ficar esperando por ele a vida toda”. Ele ouviu e disse apenas para ela: “você vai ver” ...

No dia seguinte, ela estava preparando a comida para o pessoal que veio para a festa, quando começou a sentir um fogo entre suas pernas e um desejo de rasgar seu corpo ao meio, deixando uma perna e um braço de cada lado. Logo depois foi “agarrada” por Jaguarema e empurrada para dentro de um panelão, que estava fervendo no fogo. Primeiro quis sentá-la no caldeirão, mas, como ela era muito gorda e não cabia nele, ele botou uma perna dela e depois esfregou a perna queimada numa árvore até esfolar toda. Achando ainda pouco, saiu correndo com ela para atirá-la de um penhasco. Antônio Luís, que estava incorporado no pai-de-santo, e outros encantados que estava em terra, conseguiram agarrá-lo, mas não puderam botar remédio na perna dela, que ficou naquele estado por muitas horas, até ele ir embora.

Venina, que já passou por essas coisas, me disse que, nem quando o médium sente dor, consegue deixar de fazer, naquelas horas, o que o caboclo pede.

.....

Venina contou que uma vez uma encantada, a Cabocla Jurema, incorporou nela e quase arrebentou suas mãos, batendo numa pedra, porque ela usava cabelo grande e mandara “torar”. Logo que cortou o cabelo, começou a ter calafrios. Depois, ficou arreada, com febre, por uma semana. Findo aquele período, “foi apanhada” pela encantada, que depois de pedir a mãe dela para trazer uma série de coisas, levou-a para o quintal, onde havia uma grande pedra usada para lavar roupa, e começou a bater com suas mãos na pedra.

A mãe dela, naquela época, nunca tinha visto essas coisas e não sabia como proceder. Pediu muito para a encantada parar de bater, mas ela não atendia. Quando parou, a pedra de lavar estava toda ensangüentada e as mãos dela estavam tão inchadas que ela não podia fechar.

Venina tem também, na costa da mão, uma grande cicatriz, de uma queimadura feita por encantado. Não sei o que ela fez, mas ele ficou zangado, “juntou com ela” e

meteu sua mão num ferro de passar roupas, a carvão, em brasa... Desta vez ela ficou muito revoltada.

.....

É difícil um médium que não tenha em sua história um momento de rebeldia e que não tenha pago um preço alto pela sua insubordinação ao dono de sua cabeça, ao guia que “abriu a sua crôa”, ou que tomou conta dele. Os castigos recebidos por uns podem desencorajar atos de rebeldia de outros, mas não acabam com eles. E, a cada dia, aparece alguém que tem um caso novo para contar.



Corre-Beira já Chegou - Ciro Falcão-2000

4.3 Segredos do Terecô¹⁵

Antoninha nasceu em 1915 numa família de terecozeiros e de curadores de Codó. Foi preparada na infância por uma tia e um tio que moravam em *Santo Antônio dos Pretos*, em terra deixada aos ex-escravos por seus senhores depois da abolição da escravidão. Não foi das primeiras pessoas a terem salão em Codó, mas foi do tempo em que a polícia prendia os que faziam rituais na *Lagoa do Pajeiro*. Dançou muito Terecô na mata de coco, longe dos olhos da polícia e dos ouvidos da alta sociedade local. Trabalhou mais de 30 anos na fábrica de tecelagem de Codó. Em casa, rezou em muita criança, para tirar “mal-olhado”, e preparou muito “banho” e “amuleto”, para a proteção de quantos a procurassem.

Apesar de ter recebido a primeira “vibração” ainda criança, Antoninha só se entregou às suas obrigações espirituais quando ficou adulta. Sua tia e mãe-de-santo paralisou o processo, para que ela pudesse estudar, e “eles” só voltaram quando ela já estava com quase 18 anos. Mas, depois de adulta, foi preciso passar

¹⁵ História contada em Codó por Antônia Olinda de Almeida a Mundicarmo e Sergio Ferretti, em viagens de pesquisa por eles realizadas entre 1986 e 1997.

pelo sofrimento de ter uma filha cega e retardada para aceitar, verdadeiramente, a missão a ela destinada.

Abriu o seu terreiro quando sua mãe, no leito de morte, entregou a ela os seus “segredos” - pedras de assentamento de seus guias -, a que ela também chamava de “calungas”. Zelou por elas até o fim de sua vida. Parece que preferiu deixar aquelas misteriosas pedras para uma de suas netas do que para a sua sobrinha, que assumiu a direção do seu terreiro e que a substituíu em vida.

Apesar de Antoninha ter ficado presa durante muitos anos a uma cadeira de rodas, sempre administrou tudo e nunca deixou de abençoar suas filhas, uma a uma, antes da abertura dos toques, e nem de encerrar os rituais na sua casa. Sempre que havia um toque no seu salão, quando amanhecia, os encantados que estavam “em terra” e a comunidade do terreiro, saíam pela rua em direção à casa dela, levando consigo o tambor e os outros instrumentos musicais do Terecô, para serem abençoados pela sua grande mãe.

Para Antoninha foi difícil aceitar a sina da sua filha e a sua, de terminar os seus dias na cadeira de rodas.

Várias vezes se rebelou contra elas e uma vez, quando estava angustiada, disse uma heresia e sua falecida mãe

apareceu a ela, de terço na mão e cordão de São Francisco na cintura, dizendo: “não me suje, peça perdão, se confesse”. Ela ficou tão impressionada depois daquela experiência que mandou pedir ao padre para vir confessá-la em casa.

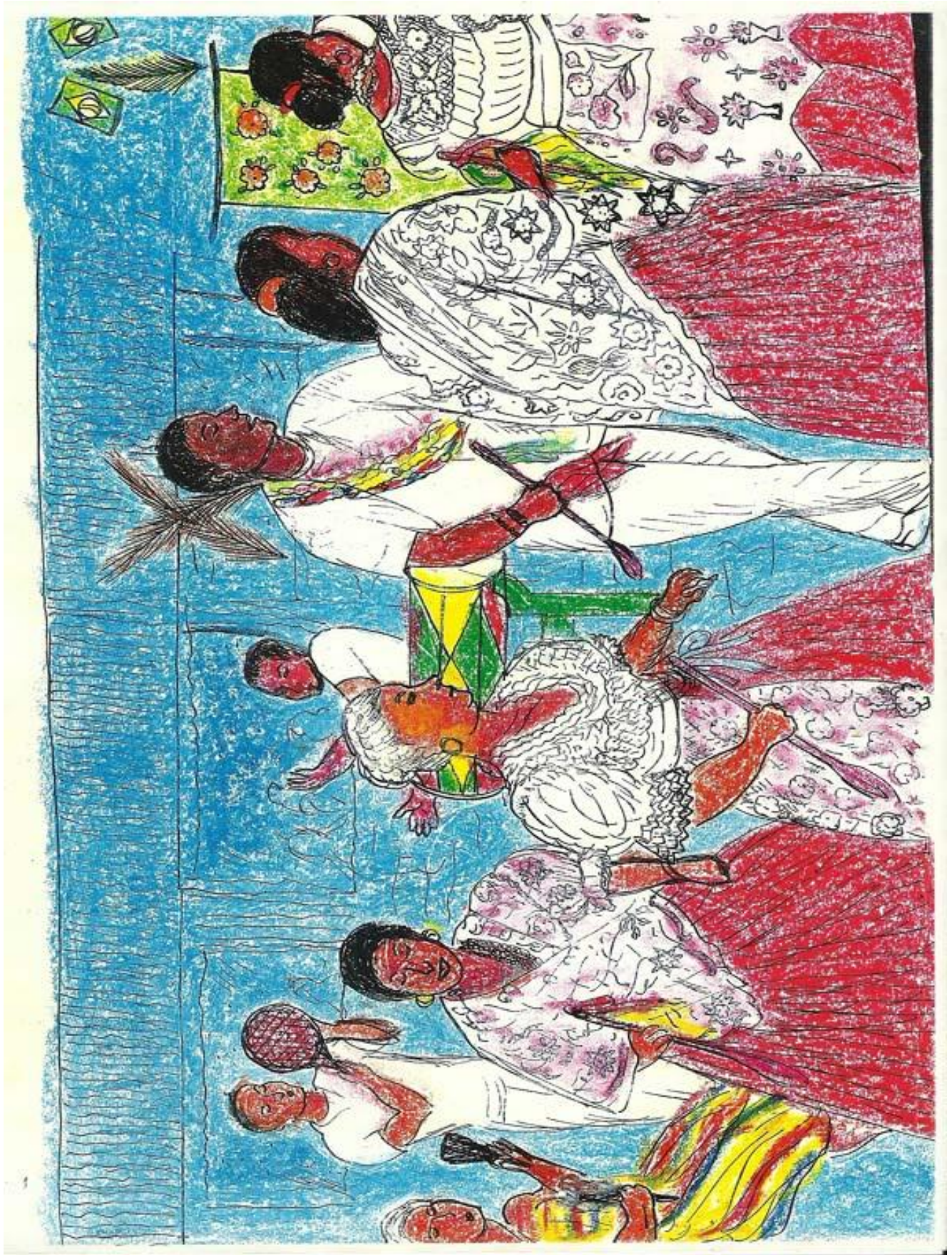
Os codoenses têm grande devoção a São Francisco. Todos os anos sai da cidade para Canindé, no Ceará, grande número de romeiros. De volta a Codó, os romeiros são recebidos triunfalmente, pois costumam chegar na hora em que uma grande procissão está sendo ali realizada.

Antoninha, quando ainda tinha esperanças de voltar a andar, fez uma promessa a São Francisco. Ficou usando só roupa velha durante um bom tempo e, se tivesse alcançado a graça, teria ido a Canindé, ainda com roupa velha, e lá daria a roupa que tinha no corpo aos pobres e voltaria a Codó com um vestido novo, feito especialmente para aquela ocasião.

Antoninha era também muito devota de Santa Luzia. Por causa do problema de sua filha, uma vez prometeu àquela santa que, se a filha ficasse boa, tiraria “jóia” (esmola) durante vários meses e no dia 13 de dezembro, quando sua festa é celebrada, distribuiria

chocolate e dinheiro aos cegos que encontrasse pelo caminho.

Mas Antoninha não recebeu nenhuma daquelas duas graças, apesar de terem sido atendidos muitos dos pedidos feitos por ela aos santos, em benefício de pessoas necessitadas que a procuravam. Mas acredita-se que as “almas benditas” vieram avisar a ela o dia em que iria sair dessa vida para uma melhor, pois administrou a sua casa, inclusive os conflitos de sucessão do seu terreiro, até dar o seu último suspiro.



Tambor de Turco - Ciro Falcão-1995

4.4 Cuidando das obrigações¹⁶

Isabel “Mineira”, como era conhecida em Cururupu, por ter sido a primeira pessoa a abrir ali um terreiro de Mina, saiu de sua cidade natal para São Luís, em 1912, aos 9 anos de idade e só voltou a morar em Cururupu cerca de 22 anos depois. Teve pouco estudo. Explicava que, quando criança, não gostava de colégio e que só assistia aula porque era obrigada pelos pais. Por causa disso, sempre tinha problema às segundas-feiras. Até que um dia se sentiu muito mal na escola, sentiu seus pés subirem e perdeu os sentidos.

Seu pai foi delegado e prendeu muito pajé em Cururupu. Nunca imaginou que um dia sua filha iria “cair no santo”, o que aconteceu em São Luís antes dela completar 10 anos de idade. Apesar de sua família não gostar de Mina, foi preparada no Terreiro da Turquia, por Mãe Anastácia, para receber suas entidades espirituais.

Tinha Légua Bogi, Rosinha (filha caçula de Rainha Rosa), Ariri (encantado da mata) e Pingo d’Água (filho

¹⁶ História contada em Cururupu por Isabel Pinto da Silva a Mundicarmo e Sergio Ferretti, em setembro de 1992.

de Léguas) que deu nome ao terreiro que ela abriu mais tarde. Recebia também Mãe Maria e outros.

Isabel era muito vaidosa. Quando voltou para Cururupu, continuou mandando fazer os seus sapatos em São Luís. Não vinha frequentemente à capital porque tinha medo de maré e naquele tempo só poderia ir para lá de barco.

Adorava dançar e quando ela chegava nos bailes, os rapazes diziam: “entra morena bamba”. “Bamba”, mas era de samba, pois dançava sem parar e só voltava de uma festa quando o dia amanhecia. Todo mundo queria dançar com ela.

Não casou, mas só levava para casa quem ela queria e depois conquistou o seu “posto de honra”. Teve cinco filhas: o pai da primeira foi “destacado” para Piracuruca, no Piauí, e deixou de mandar dinheiro para elas. Teve depois uma filha, que morreu aos 20 anos, com um comerciante chinês. Teve outra com um português. Esta não gostava de baile onde dançava mulher “solteira”. Quando era criança, dormia com a avó. Por causa do seu relacionamento com os homens, Isabel levava a noite a menina e o seu quadro de Santa Rosa de Lima, santa pela

qual tinha grande devoção, para passar a noite com a sua mãe.

Isabel foi doméstica, vendedora ambulante, costureira, “mineira”, mas, como fez muito parto, dizia que gostaria de ter se aposentado como parteira. Logo que voltou de São Luís, costurava e vendia na feira. Quando havia uma grande festa na cidade, precisava fazer serão para dar conta das encomendas. Fazia o vestido de suas clientes e amigas, mas não deixava de fazer o seu. Na hora da festa aparecia lá, bem perfumada, com seu cabelo longo bem penteado e seu vestido novo.

Uma vez, num dia 15 de novembro, toda a cidade estava em alvoroço por causa de um baile organizado por Manoel Cadete. Ele fazia dois salões: um para brancos - pessoas “de sociedade”, e outro para “morenos”. Nesse podia dançar também mulher “solteira”. Os bailes de Frechal, povoado que ficava relativamente próximo a Cururupu, eram também realizados em dois salões, mas, de madrugada, os brancos traziam para o deles mulheres “escuras” e “solteiras” e passavam a se divertir com elas até o final da festa.

Isabel estava animada para o baile de Manoel Cadete. Pagara até a entrada de uma amiga, para garantir

a sua companhia. Não sabia que naquela noite ia acontecer algo que mudaria totalmente o curso de sua vida.

Combinara passar na casa da amiga às 22:00hs. Cedo “passou a ferro” o seu vestido novo, de saia godê, e saiu para entregar uma costura. Na volta deu uma trovoada e ela resolveu se deitar para descansar - costumava dormir um pouco antes das festas. Estava deitada quando ouviu alguém chamar por ela três vezes. Estranhou, pois não havia combinado com ninguém para ir lá naquela noite.

A casa que ela morava tinha porta de mensaba (esteira), mas ninguém se atrevia a entrar lá sem combinar com ela, nem o velho que era o proprietário. Alugara a casa a ele por 3.000 reis. Era cheia de buracos, mas, depois que ela limpou toda, muito bem, ficou com outro aspecto.

Isabel continuou deitada na sua rede e já havia esquecido os chamados, quando ouviu novamente a voz. Só que, desta vez dizia: “Isabel, vamos cuidar das nossas obrigações?!”. "Olha, fazem três anos que você brinca, vamos cuidar das nossas obrigações ?!". Ela, a princípio, achou que estava sonhando, mas depois, quando viu que

estava acordada e que não era gente que estava falando com ela, botou a perna para fora da rede, tentando se levantar. Queria correr para junto da mãe, que estava dormindo na casa de sua irmã, do outro lado da rua. Mas “não achou perna”. Estava com a cabeça “rolando” e com muita sede.

Vendo que não podia sair, Isabel começou a rezar. Galo cantou três vezes e nada de perna. Rezou de novo, acendeu um cigarro, deu três baforadas e, finalmente, conseguiu se levantar. Botou um vestido sobre o chame e saiu correndo, com medo, na direção da casa de sua irmã. Chegando lá, sentou numa mala e ali ficou até o dia amanhecer.

Voltando depois para a sua casa e vendo no cabide o vestido que preparara para o baile, que não chegou a usar, teve raiva dele. Mas não sabia, ainda, que aquele seria o seu último vestido de baile. Na festa, as colegas, sentindo a falta dela perguntavam: "Cadê Bela?", “Bela já tá casada ?!”. Mas ela, sem dar ouvido aos comentários e sendo informada que havia um barco de saída para o Bacanga, resolveu ir para São Luís. Durante os três anos que passara em Cururupu deixara de lado suas obrigações

espirituais e precisava levar a sério o que ouvira daquela misteriosa voz.

Arrependida da vida que estava levando e querendo abandoná-la, Isabel fez uma promessa a Santa Rosa de Lima. Prometeu andar de joelho, até esfolar, e levantar a sua irmandade, “com os seus braços”.

Teve que trabalhar muito para pagar a promessa. Vendeu mingau de milho, arroz, tapioca, bolo, mas venceu. Abriu em Cururupu o primeiro terreiro de Mina e nunca mais abandonou as suas obrigações.

Durante muitos e muitos anos, Isabel realizou uma grande festa para Santa Rosa de Lima, com três noites de tambor. Naquela festa recebia, com grande orgulho, Rosinha, filha caçula de Rainha Rosa e da família de Légua Bogi, encantado que chefia a linha da mata de Codó e que tomava conta do terreiro para aquela. Faleceu em Cururupu com mais de 90 anos.

CONCLUSÃO

Quem conta um conto aumenta um ponto!

Nem todo mundo acredita em encantados, mas todo mundo que já ouviu falar neles pode ter, um dia, uma experiência gratificante ou aterrorizante com eles: um sonho, uma visão, um transe.... No transe eles chegam geralmente “de assalto”, quando a pessoa está desprevenida, num momento de distração, e provocam uma sensação de sono, anestesia, ou uma espécie de desmaio. Muitas coisas podem favorecer a sua aproximação: o silêncio, o isolamento, a fome, o som destacado e persistente dos tambores e o movimento repetitivo da dança nos rituais, mas dizem que nada pode impedir a sua aproximação, nem mesmo a falta de crença neles.

Nem todo “mineiro” é vidente, mas todos estão acostumados a conviver com encantados. Eles advertem, orientam, determinam, castigam e consolam. Não seria exagero dizer que a maior parte das grandes e pequenas decisões dos médiuns são tomadas levando em conta inspirações que vêm dos seus protetores espirituais.

Mesmo os médiuns que não são “fanáticos” experimentam uma grande identidade com os encantados, pois todos dividem seu corpo com eles e sabem que, para passarem melhor, têm que aprender a viver em harmonia com eles. Tal como acontece com irmãos siameses, se não houver harmonia entre eles, eles e seus encantados não podem chegar a lugar nenhum.

As histórias contadas nesse livro não me foram passadas como ficção. Elas foram vividas por pessoas de São Luís, Ribamar, Cururupu e Codó, que têm ligação com terreiros ou aproximação com encantados. Podem ser enquadradas como histórias de seres mitológicos, no sentido de PROPP (1949), “em cuja existência o povo crê”, mas são também relatos de experiências de contato do povo maranhense com eles. Creio que para entendê-las plenamente é preciso já se ter sentido a presença ou a força dos encantados.

Diz um ditado popular que “quem conta um conto, aumenta um ponto”. E, se ele for verdadeiro, é de se esperar que essas histórias tenham sido enfeitadas ou “enviesadas” por mim, pela minha pouca experiência ou falta de comunicação com os encantados. Por isso, recomendo a quem quer entendê-las melhor ou conhecer

outras histórias, a procurar ouvir as pessoas que contaram as histórias reproduzidas no livro, ou se aproximar de outros “mineiros” e curadores ou de pessoas que entram em contato mais direto com eles....

Tenho muitas outras histórias para contar, mas fica para outra hora. Como já me disse uma “mineira”, não se deve falar tudo de uma só vez para que se possa ter sempre algo a acrescentar...

FONTES ORAIS

Os contadores das histórias

Antônia Olinda de Almeida – (Antoninha ou Antonina) mãe-de-santo de Codó, falecida em 1997 com 82 anos. Era sobrinha de Anastácia, fundadora do Terreiro da Turquia (São Luís). Foi preparada em Santo Antônio dos Pretos por Melânia. Fazia festa grande em dezembro. Recebia Rosa de Maceodá, filha de Coli Maneiro, e trabalhava, principalmente, com Lauro, da família de Légua Boji. Era também afamada benzedeira.

Ciro do Espírito Santo Falcão - artista plástico, licenciado em Educação Artística. Nasceu em São Luís, em 1952. Conviveu desde a infância com encantados, pois sua avó recebia o caboclo Tapindaré, Corre Beirada e outras entidades espirituais. Participou de várias exposições com gravuras e pinturas, algumas das quais premiadas, e realizou, em 1993, uma exposição individual sobre *Lendas e Histórias de São Luís*. Possui vários trabalhos publicados em obras sobre arte e religião popular maranhense entre os quais: *Arte no Maranhão - 1940-1990*, coordenado por Eliezer

Moreira Filho (BEM, 1993), e *Terra de Caboclo*, de Mundicarmo Ferretti (SECMA, 1994).

Emília Beatriz Santos - mãe-criadeira da Casa Fanti-Ashanti, falecida em 1991. Nasceu em Guimarães, onde foi parteira. Sabia rezar para tirar um bocado de coisa e conhecia muito remédio do mato. Sua ligação com terreiro ocorreu na fase adulta. Começou a ter umas perturbações e foi levada pelas filhas, que já dançavam Mina. Era devota de Santo Exedito e fazia para ele uma brincadeira de Tambor de Crioula.

Euclides Menezes Ferreira - nasceu em São Luís em 1937. É babalorixá e fundador da Casa Fanti-Ashanti onde são realizados rituais e iniciações na Mina, Cura e Candomblé. Desde que nasceu assistiu a rituais de terreiro em companhia de sua tia e mãe de criação. Teve seu primeiro transe por volta dos 8 anos. Foi preparado por mãe Pia no Terreiro do Egito e tirou a “mão de vumbe” em Pernambuco com Raminho de Oxossi e Maria das Dores. Tem como orixás principais: Oxaguiã, Oxum e Xangô. Recebe na Mina: Juracema, Tabajara, Jaguarema, Balanço e tem Corre Beirada como farrista de Cura.

Helena – Codó (sem outras informações)

Isabel Pinto da Silva (Isabel Mineira) - mãe-de-santo de Cururupu, falecida em 1997 com 94 anos. Seu barracão tinha a forma de um navio e durante os toques a ancora era arreada, na chamada dos encantados, e levantada, no encerramento do ritual. Foi preparada em São Luís por Anastácia, a fundadora do Terreiro da Turquia. Fazia em agosto, no dia de Santa Rosa de Lima, uma grande festa para Rosinha, sua patroa. Recebia também Pingo d'Água e Légua Boji.

Jorge Itaci Oliveira - nasceu em São Luís em 1941. É fundador e pai-de-santo do terreiro de Iemanjá, professor de Educação Artística no 1º grau e diretor do Museu do Negro. Sua mãe era mineira, curadora e tinha linha de astral. Teve seu primeiro transe aos 7 anos de idade, com Dom Luís. Foi preparado por Mãe Pia no terreiro do Egito em 1954. Tem como principais entidades espirituais: Iemanjá, Dom Luís, Dom João; Légua Boji e Caboclo Guerreiro.

José de Ribamar – (sem outras informações)

Maria Gomes Costa (Maria de Feles) - mãe-criadeira e dançante da Casa Fanti-Ashanti. Nasceu no interior e veio para São Luís já adulta. Foi levada à Casa Fanti-Ashanti por causa de “choque de corrente”

com a filha, que era a contra-guia de lá e tinha o mesmo guia dela: Joaquinzinho. Recebe um vodum associado a Xangô e faz festa para ele no dia 16 de agosto.

Maria Venina Carneiro Barbosa - nasceu em São Luís.

Teve seu primeiro transe antes dos sete anos, mas começou a receber encantados com frequência por volta dos 18 anos. Andou pela casa de vários curadores, teve uma rápida experiência com maracá, mas sua cabeça foi lavada na Mina, na Casa Fanti-Ashanti, onde também foi iniciada no Candomblé e recebeu o deká. É filha de Ogum e de Iemanjá, tem como guia Mineiro Grande e recebe também o seu filho Mineirinho, Corre Beirada e a Cabocla Jurema.

Raimunda - maranhense ligada a um terreiro de Tajipuri, do falecido Aurílio. Em 1985 doou ao Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho umas cintas que pertenceram a uma curadeira de sua família. Uma de suas irmãs foi ligada ao extinto terreiro do Engenho. Conhecia vários terreiros da capital e do interior.

Reginaldo – marceneiro de Cururupu, amigo de Betinho Curador (sem outras informações).

Yolanda Primaz da Silva Motta - yalorixá do Centro de Umbanda “Luz e Caridade” e enfermeira chefe de unidade de saúde do Itaquí-Bacanga. Nasceu em São Luís em 1942. Tem linha de Cura. Foi preparada no Balanço Grande por Mãe Nélia. É filha de Xangô com Iansã, recebe Tapindaré, Baiano Grande e Rosalina, sua patroa. Começou a receber encantados na infância. Além das giras de Umbanda, das sessões de atendimento e das obrigações para Ibeji, linha das almas, Exu e Pombagira, a cada dois anos faz uma festa para a linha de cigano e outra para as caboclas de pena.

BIBLIOGRAFIA

- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 2 ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: INL-MEC, 1962.
- FERREIRA, Euclides M. *Orixás e voduns em cânticos associados*. São Luís: Gráfica e Editora Alcântara, 1985.
- FERRETTI, Mundicarmo. *Desceu na Guma: o caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís – a Casa Fanti-Ashanti*. São Luís: SIOGE, 1993. (2 ed. ver. e atual., São Luís: EDUFMA, 2000).
- . *Tambor de Mina, Cura e Baião na Casa Fanti-Ashanti*. São Luís: SECMA, 1991 (Disco e Folheto).
- . *Terra de Caboclo*. São Luís: SECMA, 1994.
- . Dom Luís e São Luís em terreiros da capital maranhense. *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore*. São Luís, nº14, p.4-5 ago.1998.
- . A mulher no Tambor de Mina. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 3, n.3, p.33-41, 1996.
- . A representação do índio em terreiros de São Luís-MA. *Pesquisa em Foco*, São Luís, v.5, n.5, p.47-57, jan.-jun., 1997.
- . A representação de entidades espirituais não africanas na religião afro-brasileira: o índio em

- terreiros de São Luís-MA. In: *REUNIÃO ANUAL DA SBPC*, 47, 1995, São Luís. *ANAIS...* v. 1, São Luís: UFMA, 1995, p. 62-67.
- , Mãe d'Água: a mãe que leva e traz. *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore*, São Luís, n.10, p.2, jun.,1998
- FERRETTI, S. *Querebentã de Zomadônu: etnografia da Casa das Minas do Maranhão*. 2 ed. rev. atual. São Luís: EDUFMA, 1996.
- GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá-Baixo Amazonas*. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, 1976.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *Meu Sinal está em teu corpo: escritos sobre a religião dos orixás*. São Paulo: EDICON/EDUSP, 1989.
- OLIVEIRA, Jorge Itaci. *Orixás e voduns nos terreiros de Mina*. São Luís: VCR Produções e publicidade Ltda, 1989.
- PROPP, Vladimir I. *Le radici storiche dei racconti fate*. [S.L]: Ed. Giulio Einaudi, 1949. (Traduzido de obra publicada em Leningrado, em 1946).
- RAMOS, Arthur. *Aculturação Negra no Brasil*. São Paulo: Brasiliiana, 1942.

*“A obra “**Maranhão Encantado: encantaria maranhense e outras histórias**” é constituída de textos que revelam aspectos da cultura maranhense, que, uma vez reforçados de geração a geração permite a preservação de valores, tradições e aspectos culturais produzidos em determinados momentos da história do Maranhão. Entendemos que a publicação desta obra é relevante visto vir a enriquecer a historiografia do Estado, além de vir a divulgar o rico imaginário dos contadores de história que compõem o trabalho em pauta”.*

Dra. Maria Regina Nina Rodrigues
- Conselho Editorial – UEMA

**Outras obras da autora sobre
Religião Afro-brasileira**

Desceu na Guma: o caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís – a Casa Fanti-Ashanti. 2 ed., São Luís: EDUFMA, 2000.

Terra de Caboclo. São Luís: SECMA, 1994.

Tambor de Mina, Cura e Baião na Casa Fanti-Ashanti. São Luís: SECMA, 1991 (documentário: LP e folheto ilustrado).

De Segunda a Domingo; Mina, uma religião de origem africana. São Luís: 2 ed., SIOGE, 1987

Conta capa

Foto

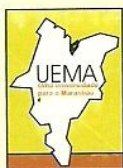
Mundicarmo Ferretti, professora titular do Departamento de Ciências Sociais da UEMA e Adjunto IV (aposentada) da UFMA, é doutora em Antropologia pela USP. Iniciou seus trabalhos sobre religião afro-brasileira na Casa Fanti-Ashanti e, desde 1984, tem direcionado sua atenção para as entidades espirituais caboclas. Em sua pesquisa tem contado com a colaboração constante de Sergio Ferretti, que a antecedeu na investigação de religião afro-brasileira, e com o apoio de várias instituições universitárias ou de fomento à pesquisa. Mundicarmo tem seis obras premiadas em concurso realizado no Maranhão, vários trabalhos publicados em São Luís e fora do Estado, e alguns trabalhos divulgados no exterior. Os trabalhos de Mundicarmo Ferretti se destacam pelo rigor metodológico, sensibilidade pelo tema a que se dedica e pela clareza na exposição, daí porque têm sido tão bem recebidos, tanto no meio acadêmico, como no meio religioso afro-brasileiro.



Sergio Ferretti

Christine Leidgens

As histórias contadas nesse livro por Mundicarmo Ferretti e ilustradas por Ciro Falcão foram vividas por pessoas que têm ligação com terreiros afro-brasileiros ou que têm aproximação com encantados. Metade delas foram coletadas ou relatadas por Venina Barbosa. As outras foram narradas por pais e mães de terreiros de São Luís, Codó e Cururupu, onde a autora tem desenvolvido pesquisas, desde 1984, com apoio de instituições acadêmicas.



ISBN 85-86036-03-X

